





CAMINHANDO
pele
TEMPO

*(Comentário histórico-literário
sobre a obra de Sérgio Mattos)*

Capa: Regina H. Dorea Oranges (tela de sua autoria)
Editoração eletrônica: Tera Dorea

Soares, Ivan Dorea Cancio
Caminhando pelo Tempo (Comentário histórico-literário sobre a obra de Sérgio Mattos) / São Paulo : Gumerindo Rocha Dorea, 2009

ISBN 978-85-7085-044-7

1. Biografia romanceada – I. Título II. Série.

© Direitos da presente edição reservados por Gumerindo Rocha Dorea, Rua Topázio, 478/41, 04105-061, São Paulo, SP. Telefone: (11)32779616.

IVAN DOREA CANCIO SOARES

CAMINHANDO
pelo
TEMPO

*(Comentário histórico-literário
sobre a obra de Sérgio Mattos)*



GRD Edições
São Paulo
2009



*Este Livro é de SÉRGIO MATTOS
co-construtor de quase 50 anos de amizade
onde a confiança, o respeito e a dignidade
são as marcas fundamentais do viver.*

*A Você, SÉRGIO,
ofereço uma análise, despretensiosa de críticas,
da sua obra literária e jornalística,
entretanto, eivada da mais vasta sinceridade.*

... mas este Livro também é dedicado a

*WALTER e MARISSETTE
– meus Pais, meus alicerces de imortais saudades –
que me ensinaram a viver,
a crescer e a amar.*

*NÁDJA
– minha Esposa, minha Mulher –
abertamente amada
e que me mostrou, de tudo participando,
como compreender a Vida.*



SUMÁRIO

PREFÁCIO, <i>Germano Machado</i>	11
UMA SIMPLES APRESENTAÇÃO	15
CAMINHANDO PELO TEMPO	19
O POETA DE POUCAS PALAVRAS	71
O JORNALISTA SÉRGIO MATTOS	81
O CRONISTA E O NOVELISTA	85
OPINIÕES DOS OUTROS	89
PALAVRAS SEM FIM...	97
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA	101
SOBRE O AUTOR	119



PREFÁCIO

IVAN DOREA E SÉRGIO MATTOS NA VIGIA DO TEMPO...

Sérgio Mattos e Ivan Dorea conheço-os a ambos desde 1967. Ora, Ivan Dorea nasceu em 27 de setembro de 1947 e Sérgio Mattos em 1º de julho de 1948; portanto, o primeiro com vinte e o segundo com dezenove anos. Assim, este velho lutador de 83 anos está seguindo a trajetória desses homens de estudos, letras, poesia, ciências, como que na vigia do tempo desses hoje sessentões, acadêmicos e dinâmicos batalhadores.

Sérgio Mattos me apareceu no Palácio da Sé em 1967 quando, leigo e casado, fui nomeado diretor do jornal da igreja – *A Semana* – e da Editora Era Nova, que àquele imprimia. Alto, calças no meio das pernas, querendo, dinâmico, cooperar com o sentido e estilo novo que demos à antiga *A Semana Católica*. Começou logo a escrever artigos e reportagens, entrevistou Dom Hélder Câmara, que foi publicado porque o Arcebispo era Dom Eugênio de Araújo Sales e quem iria ter a ousadia de lhe reclamar esse fato então inédito, uma vez que estávamos em um regime não-democrático e às vésperas do Ato 5, verdadeira implantação de ditadura plena? É aí, no pequeno órgão de imprensa, que começa a trajetória jornalística de Sérgio Mattos que, um pouco depois, vai para a *Tribuna da Bahia* e... larga trajetória: Estados Unidos, Europa, PHD, dirigente do Irdeb, escritor, livros de poesia,

vasta caminhada e vou reencontrá-lo, embora estivesse com ele em outras atividades editoriais, de comunicação e literatura, quando, em 1999, ocupou a presidência da Academia de Letras e Artes do Salvador, para a qual eu fui indicado pelo meu amigo de juventude Remy de Souza, outra caminhada diversa...

Quanto a Ivan Dorea Cancio Soares (o nome longo é do arqueólogo e tem timbre de nobreza, o que é importante nesta época massiva, medíocre e sem o sentido das monarquias constitucionais gloriosas) conheci-o através de seu tio – Gumercindo Rocha Dorea –, de Hélio Rocha, de Ivo Rezende de Andrade e da admiração ao grande escritor, político e homem que escreveu a mais bela e completa *Vida de Jesus*, Plínio Salgado. Mas o Ivan nessa vigia do tempo que conheço é o companheiro de Sérgio em *A Semana* quando lhes publiquei na Era Nova e *A Semana* a *Revista Experimental* 1 e 2 em que, com Gilza Borges, Alcir N. dos Santos, Amarílio Mattos (que estaria comigo na Escola Técnica Federal da Bahia), Emerson Palmeira, Thadeu J. Cruz... É o início de ambos em poesia e em larga trajetória e largos horizontes...

Agora, Ivan publica o livro *Caminhando pelo Tempo* (Comentário histórico-literário sobre a obra de Sérgio Mattos) – Edições GRD, São Paulo, 2009. GRD é a editora de Gumercindo Rocha Dorea, que deu à publicação grandes nomes da literatura e do pensamento brasileiros. Tenho a afirmar que é OBRA DE VALOR, onde a admiração e o louvor justificam-se por si mesmos. Fiz vários comentários sobre a obra poética de Sérgio Mattos em jornais, revistas (*A Voz do Cepa*, *A Tarde*, *Neon*) e noutros órgãos.

Agradeço-lhe, Ivan, que escreve na página 60: “grande mestre Germano Machado... e que lançou Sérgio e eu, literariamente, na saudosa *A Semana*, quando éramos ainda adolescentes”. História é assim e vigiar o tempo é ver todo o panorama. Eu chamava jovens como Ivan e Sérgio, não esquecer o hoje grande advogado Dircêo Villas-Boas (lembra-se dele, Ivan?) de “encontro de poetas”... citado na página 71 por Ivan, saído no jornal *A Semana*, 1968.

Sérgio Mattos e Ivan Dorea neste livro mostram um trecho importante do tempo baiano tão rico, como os anos 1960-70, em particular. Sérgio afirma e Ivan salienta na obra: “muitos fatos históricos foram, e em muitos casos continuam a ser, apagados da memória nacional, por ter os seus registros destruídos e fragmentados de tal forma que não se consegue mais reconstruí-los plenamente”... Adiante, Ivan afirma muito sabiamente: “A compreensão clara do Presente depende por inteiro do entendimento correto do Passado”.

Ivan: você está de parabéns e Sérgio merece, vocês são o Presente que se volta ao Futuro. Seu trabalho é imprescindível. Publicá-lo pela GRD é nacionalizá-lo, baianizando-o, portanto. Deus abençoe você e Sérgio. É o que lhes deseja o velho de 83 anos que os conhece há... quarenta anos.

Germano Machado

Jornalista, escritor e antigo professor universitário



UMA SIMPLES APRESENTAÇÃO

Falar sobre Sérgio Mattos ou falar de Sérgio Mattos? Se eu tivesse que falar *sobre* o querido amigo Sérgio, eu deixaria que o meu conto “Pelas ruas de Paris” falasse sozinho... e se eu tivesse que falar *de* Sérgio, eu recordaria a única briga que tivemos em quase 50 anos de profunda amizade.

Mas nem vou falar *sobre* Sérgio e tão sequer *de* Sérgio.

Nas próximas românticas linhas, esboço um paralelo quase histórico da vida de Sérgio com alguns acontecimentos marcantes do dia-a-dia da Cidade do Salvador, da Bahia, do Brasil e do Mundo.

... então, será um livro da história do meu amigo? Não. Apenas um comentário – como algumas crônicas que escrevi – sobre a sua obra literária.

Sérgio não é um escritor, para mim. Não, não é. Quando nos conhecemos, quando começavam os anos 60, li as suas primeiras produções. Um poema, uma crônica, mais tarde os instantes iniciais da coluna “Juventude é Assunto”, manuscrita ou datilografada.

Sérgio é um “apanhador no campo de centeio” (J. D. Salinger). O que significa que é muito mais do que um escritor. A sua caneta sobre o papel (hoje, quase não se escreve mais com caneta, digita-se...) discorre com uma viva maestria, notadamente quando o assunto é jornalismo e poesia e suas diversas facetas.

Não segui – rigorosamente – nenhuma ordem cronológica. As lembranças foram surgindo, as mãos

foram escrevendo, os dedos foram digitando. Às vezes, estou no final de uma década, volto para o início e chego ao fim, passando por tempos de outra. Mas, em síntese, cada coisa aconteceu no seu tempo certo.

Não é uma biografia. Eu diria que é um relato conjunto de fatos lembrados da vida de Sérgio e da minha.

São fatos que marcaram profundamente os nossos tempos de infância, adolescência, juventude e maturidade.

Não fiz um estudo crítico. Não sou crítico literário, graças a Deus. Fiz uma simples dedicatória a um amigo profundamente querido. A um amigo que escreve e muito bem. A um amigo que sabe que eu lhe digo quando gostei e quando não gostei dos seus escritos, sejam em poesia ou prosa.

Deixei o pensamento andar solto. Deixei as lembranças navegarem pelo mar de quase cinquenta anos de amizade e sessenta anos de vida que temos. Lancei as minhas lembranças – as minhas saudades – nas ondas de espumas muito brancas. Se os poemas de Sérgio foram, por ele, “lançados ao mar”, eu lancei as nossas vivências às ondas da vida. E as ondas (do meu cérebro) escreveram estas páginas.

E apanhei, nas areias de alguma praia que conheço e que me fascina (qual seria? As antigamente belas Itapoan e Mar Grande, as ainda belas Itacimirim, Genipabu, Massarandupió e Itapema, na Bahia; Atalaia, em Aracaju; Icará, Camboinhas, Itaipu e Itacoatiara, em Niterói; Botafogo e todas as da Ilha de Paqueta, no Rio de Janeiro; Trindade, em Parati; Mucuripe, em Fortaleza; Mosqueiro, Cotijuba, Icoaraci e Ajuru-teua, em Belém do Pará; Boa Viagem e Piedade, em

Recife; Araruna e Monsarás, na Ilha de Marajó; Retiro e Fazendinha, na Ilha de Caviana; Barra do Arroio Chuí e Laranjal (Lagoa dos Patos), no Rio Grande do Sul; todas as de Guarujá e São Vicente, em São Paulo; Cabo Branco e Pitimbu, em João Pessoa; as de Alcântara, no Maranhão; Malvin e Pocitos, em Montevideu; Reñaca, em Viña del Mar e todas as de Puerto Montt, no Chile; Pinamar e Areñas Verdes, na grande Buenos Ayres...)? Em alguma delas, apanhei estas páginas que as ondas do meu mar cerebral escreveram...

... e deixei que elas se auto-organizassem.
Assim surgiu este talvez relato.

Ivan Dorea Cancio Soares

Salvador, Bahia – 26/9/2008

40 anos do lançamento de

Experimental 1 – Revista de Poesias

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 27/2/2009

Primeira sexta-feira da Quaresma



CAMINHANDO PELO TEMPO

Paira uma dúvida: o poeta já nasce poeta ou se faz poeta? O grande poeta russo Evgeny Evtuchenko afirmava que “a autobiografia de um poeta são os seus próprios poemas, o resto é suplementar”; então, o poeta nasce poeta.

Assim aconteceu com Sérgio Mattos; nascido em uma terra que exala poesia – em 1º de julho de 1948 – há sessenta anos portanto, o menino Sérgio Augusto iniciou a prole de sete filhos do casal José de Castro Mattos e Maria Helena Soares Mattos, na bela cidade de Fortaleza – capital do também belo (e também sofrido) Estado do Ceará, terra do romance da índia Iracema, terra de escritores e compositores famosos, terra de presidentes da República, terra potencial do desenvolvimento do Nordeste.

Nordestino, com o sangue nascido entre os verdes mares e as chagas do sertão em dor, vivenciando a chegada dos seus primeiros irmãos Amarílio Adereson, Mauro César e Maria da Penha (Madá), Sérgio foi alfabetizado no “Instituto Christus”, em Fortaleza, mas acabou passando meses de verdadeira gestação – nove que foram – na igualmente bela metrópole do Recife, seguindo as caminhadas dos seus pais, vindo, finalmente, aportar e radicar-se na velha primeira capital brasileira – a nossa Salvador, quando a infância ainda se encontrava com a adolescência, aos 11 anos de idade.

O bairro do Rio Vermelho, “a pedra dos pássaros”, a bucólica Praia da Paciência (onde fixou re-

sidência), o Largo de Santana, as ruas românticas do Parque Cruz Aguiar, o Largo da Mariquita (e sua história repleta de aventuras dos primeiros brasileiros), souberam receber o menino Sérgio, com os braços estendidos em amor, fazendo do pequeno cearense um novo filho da Bahia, adotivo sim, mas legítimo na estrada que o levaria a cruzar oceanos engrandecendo o nome da terra mater, o nome de todos os Santos, o nome dos Soares Mattos.

Desaparecia no tempo o ano de 1959, ano em que um homem bom, muito bom (meu Pai), faleceu, ano em que gente de primeira linhagem (meu Sogro) das terras dos laranjais sergipanos chegou à Bahia, ano em que o menino pré-adolescente cearense Sérgio também chegava à outrora encantadora Salvador.

Os anos dourados deixaram de existir para dar lugar aos vigorosos anos rebeldes; a época de ouro das sociedades ocidentais – normalmente em crise, mas de ouro e, principalmente em cada Nação de orientação estadunidense (o Brasil, por exemplo) – conhecia o seu ocaso; a geração do imediato pós-guerra, a nossa geração, a geração do poeta Sérgio Mattos e deste seu “escrevedor” de linhas que se autodesejam intitular de comentário histórico-literário, acabara o seu tempo de infância, traduzindo em saudades a sua passagem pelos leitos mais românticos da História.

Lembrar dos anos 50 é recordar do mavioso das músicas provindas dos anos 40 e da própria década seguinte (“Fascinação”, “Moonlight Serenade”, “Hino ao Amor”, “Noite de Reis”, “Aniversário de Casamento”, “Ma Vie”, “Ave Maria no Morro”, “Eu sonhei que tu estavas tão linda”, “Velho Realejo”...), onde pontuavam canções de invulgar beleza criadas

por Mitchell Parrish, Glenn Miller, Herivelto Martins, Edith Piaf, Marguerite Monnot, Lamartine Babo, Charles Aznavour, Adoniran Barbosa e Frank Sinatra, entre outros; é não esquecer dos primórdios da Bossa Nova e dos poemas de Vinícius de Moraes, da ternura melódica das canções de João Gilberto, das maravilhosas “Bachianas” de Villa-Lobos e de músicas como “Diana”, “Boneca Cobiçada”, “Menina Moça” e “Ronda”.

Saudades de Dolores Duran e da “Noite do Meu Bem”...

Saudades de Tom Jobim e de suas músicas de eterna magia...

Olhar para os anos 50 é assistir o filme em preto-e-branco da volta à cena política e do suicídio (mesmo?...) de Getúlio Vargas e as profundas crises do governo de Café Filho, é ver o Brasil perder a Copa do Mundo no Rio de Janeiro e conquistá-la nos campos longínquos da Suécia, lançando o fabuloso Garrincha e o genial Pelé para o mundo, é ver os belos carros (Buick, Oldsmobile, Citroën, Plymouth, Cadillac...) transitando pelas ruas das nossas cidades, é ver o nascimento de Brasília e o sonho do presidente Juscelino Kubitschek (que poderia ter sido muito maior estadista do que o mito criado em torno dele); e, no final dos anos 50, ver o advento dos fuskinhas...

Anos antes, Plínio Salgado disputou as eleições com o presidente Juscelino. O seu Integralismo havia arrebatado multidões, nas décadas anteriores, com a insígnia “Deus, Pátria e Família”. E, até hoje, é abertamente incompreendido. É muito fácil condenar sem conhecer, sem ler um livro do condenado, sem saber a verdadeira história. Criticar sem base estruturada

em uma certeza não passa de mediocridade. Comparar alhos com bugalhos é torpe e demonstra incompetência e desconhecimento do assunto. É assim que agem com Plínio Salgado, ele que deixou uma das principais obras literárias para as mentes pensantes do Brasil.

... a juventude de então vivia o mito James Dean, distribuindo-se entre transviada ou não...

... mas, lembrar dos anos 50 é também recordar a instabilidade política que grassava no Mundo depois da Segunda Guerra Mundial, é relembrar da Guerra da Coreia, da projeção da União Soviética e da sua totalitária expansão pela Terra...

... é lembrar do lançamento da primeira emissora de TV no Brasil (e na América Latina)...

... e a linda Martha Rocha ficava em segundo lugar no concurso de Miss Universo, perdendo apenas por duas polegadas a mais, todavia, levando aos quatro cantos do Mundo a beleza encantadora da mulher baiana...

... e o primeiro animal a ser lançado ao espaço sideral – a cadelinha Laika – passeava fora da Terra em um foguete soviético...

Hélio Machado foi um dos melhores prefeitos de Salvador, abrindo os caminhos da Avenida Vasco da Gama, iluminando a escura cidade com lâmpadas fluorescentes, revitalizando as belezas soteropolitanas... realizações que quase não foram continuadas por Heitor Dias... Antônio Balbino executava um bom governo estadual, disseminando postos de saúde e escolas pelas terras baianas, o que foi continuado pelo competente General (conterrâneo de Sérgio) Juracy Magalhães...

Salvador ganhava a sua primeira Universidade, criada pelo grande reitor Edgard Santos.

... e Che Guevara e Fidel Castro mostravam que, em algum lugar das Américas, os estadunidenses não mandavam...

... lembrar dos anos 50 é saber-se retornando a uma Salvador carregada de encantos e de portas abertas para o Mundo que adviria com todos os problemas crus e cruéis, a partir da década de 60, todavia, gerados na complexidade sociopolítica de anos e anos anteriores.

Salvador tinha o jornal *A Tarde* todas as tardes e não em início das manhãs... e quem gostava de ler, lia também os valorosos *Diário de Notícias* e *Estado da Bahia*... e o *Jornal da Bahia* surgiu como um instrumento de opinião mais à esquerda.

O brilhante orador sacro Padre Salles Brasil combatia violentamente os ideais “socialistas” do grupo que dirigia o *Jornal da Bahia*... e, por estranha fatalidade, terminou falecendo em uma festa em sua homenagem.

O não menos excelente poeta Dom Augusto Álvaro da Silva era o Cardeal da Bahia e Primaz do Brasil e a Igreja Católica Apostólica Romana confirmava, cada vez mais, a sua vocação de descobrir oradores sacros: os Padres salesianos Belchior Maia d’Athayde (também poeta de primeiríssima qualidade que as terras pernambucanas nos legaram e que tem o seu livro *Cantigas de Frei Inzone* lançado posteriormente pela GRD), Waldir Gaspar e Sebastião Alves (estupidamente assassinado por causa de brigas de famílias na cidade de Itororó), Padre Gaspar Saddock da Natividade, o marista Irmão Aquiles, o aba-

de beneditino Dom Plácido Staeb, o franciscano Frei Hildebrando, o jesuíta Padre Confa e os capuchinhos Frei Romano e Frei Germano, eram vozes vibrantes em defesa da fé católica.

(Hoje, uma das vozes religiosas mais profundas é a do Monsenhor Ademar Dantas, o Cura da Catedral Basílica, meu antigo diretor quando lecionei no Instituto de Teologia da Universidade Católica do Salvador, o Padre que fez uma linda oração em meu casamento.)

– Até pouco tempo atrás, as vozes dos saudosos Padres José Hamilton Almeida Barros e José Gilberto de Luna também alcançavam os mais distantes rincões, através das ondas da Rádio Excelsior da Bahia e no púlpito da Igreja de Sant’Anna, respectivamente, levando as suas imensas culturas filosófico-teológicas às mentes ávidas de conhecimento –.

Mas havia as sérias igrejas Batista, Presbiteriana, Anglicana e Luterana, como esteios de um equilíbrio da liberdade religiosa...

E havia as nobres casas de Candomblé, onde reinavam Mãe Senhora, Mãe Menininha do Gantois e Olga do Alaketu.

E os Centros Espíritas dos ilustres e respeitados médiuns Divaldo Franco e... Arapiraca.

E na Sinagoga Israelita se praticava a mais pura fé judaica do Antigo Testamento.

... e, em 1959, a Cidade perdia o seu novo e imponente Teatro Castro Alves em um incêndio – casual? – mesmo antes de ser inaugurado...

Nascia a década de 60...

Começavam as andanças das transformações do Brasil, do Mundo, revoluções que aconteceriam na cadência de cada nota, de cada letra, de cada canto, de cada mão... Revoluções ardentes, mudanças, os anos dourados vendo chegar a rebeldia dos novos tempos, as faces meninas acreditando, acreditando, rezando um terço, dez rosários... a crença na construção de um novo Mundo.

Salvador deixava transluzir, em mutirão de cores, o sonho dos poetas e Sérgio soube, menino ainda, embriagar-se desse néctar de origem humana com a complacência divina; as ruas calçadas com coloniais pedras irregulares e paralelepípedos, os bondes a vencer lentamente as distâncias, os bairros de grande beleza bucólica (um olhar para o passado: Santo Antônio Além do Carmo – onde eu nasci –, Pelourinho, Ribeira, Bonfim, Mont Serrat, Barra, Graça, Rio Vermelho...) e as intermináveis horas de “viagem” para a antigamente linda Itapoan, o longínquo e pequenino aeroporto (mais parecia uma casinha de brincar), a Pituba ainda somente com imensos areais... os homens jovens e velhos engravatados no trabalho, nas festas, nas solenidades... e as mulheres adultas e mocinhas mais do que bem vestidas em seus encantadores vestidos rodados, com laços, rendados, sem laços, ou lisos – mas, sempre – de uma beleza sem igual...

Nascia a TV Itapoan, em novembro de 1960: programas como “Escada para o Sucesso” e os musicais de Niccola Angelo, Mecenas Marcos e do maestro Carlos Lacerda (falecido tão novo ainda), eram sucesso garantido; Nilton Paz, a dupla Jorge Santos / José

Jorge Randam, Elias Sobrinho, os noticiários com Raimundo José (que morreu com menos de 40 anos, vítima de absoluta dedicação ao trabalho) e Renato Jorge, emoldurados pela beleza e simpatia das garotas-propaganda (com os comerciais ao vivo) Suzy Cordeiro (simplesmente linda), Ana Lúcia, Laura Lacerda, Maria Anita e Pilar Serrano, faziam o encanto dos soteropolitanos, das 17 às 24 horas...

Maravilhas como “Eu sei que vou te amar”, “Se todos fossem iguais a você” e “Saúdosa Maloca” eram cantadas em todos os lugares. Os compositores *escreviam músicas que eram um deleite para os nossos ouvidos...*

E o Bahia foi o primeiro campeão brasileiro, derrotando o todo-poderoso Santos, com Pelé, Coutinho, Pepe e cia., nos gramados da Vila Belmiro e do Maracanã... Os antes desconhecidos Nadinho, Beto, Henrique, Flávio, Vicente, Nenzinho, Marito, Alencar, Léo, Mário e Biriba, junto com outros companheiros, fizeram a festa baiana em gramados paulistas e cariocas.

A Bahia via nascer o seu primeiro sítio arqueológico, reconhecido como tal – o Sambaqui da Pedra Oca – fruto de pesquisas científicas de grande mestre, o pioneiro Valentin Calderón.

Sérgio foi ser seminarista, batina preta, aos onze anos, entre orações, estudos, disciplina, determinação, vontade férrea, educação rígida. Eu fui estudar no Lyceu Salesiano do Salvador, base fundamental, saúdosa e muito querida para todos os conhecimentos que consegui adquirir posteriormente – junto com o Escotismo (onde conheci outro grande e querido amigo, o hoje engenheiro Durval Curvello, bem como

mais um amigo de longas e ótimas conversas – Roberto Woolf). Do Salesiano, chegam-me as lembranças de Hélio de Marco Vaz, grande amigo, já falecido. Os ideais de Dom Bosco e do Lord Baden Powell, ficaram enraizados em mim.

Sérgio ganha dois novos irmãos: Cláudio e Lúcia Helena...

... e escreve os seus primeiros poemas.

Yuri Gagarin se transformou em celebridade, conduzindo um foguete russo fora dos limites da atmosfera terrestre, abrindo as portas para a corrida espacial.

O bandido norte-americano Caryl Chessman – e o seu mito da “luz vermelha” – emocionava o mundo com a sua regeneração dentro da cadeia de San Quentin, despedindo-se, para morrer na cadeira elétrica, com a sentida e pesada frase “deixo o meu cadáver ao povo da Califórnia”.

O Brasil explodia em lutas políticas, transcorria o ano de 1961, apontava o ano de 1962, Jânio Quadros renunciava (empurrado pelas “forças ocultas” que nunca são conhecidas...) e João Goulart conseguia assumir um País (sob um parlamentarismo improvisado) que tinha um Nordeste em chamas, um povo que tinha um Francisco Julião, um Miguel Arraes (e um Leonel Brizzola, no Sul), insuflando as “massas”... “massas” que só servem, quando “massas”, exatamente para ser insufladas...

João Goulart assumia um País que tinha vigorosos focos golpistas entre os militares, temerosos da implantação de um governo socialista...

O mundo conhecia os Beatles e aprendia a amá-los como amado era Elvis Presley; o Brasil passava

das inocentes chanchadas cinematográficas de Oscarito, Ankito, Zé Trindade, Eliana, Grande Otelo, Cyll Farney, Emilinha Borba, Marlene e Johnny Herbert (o que dizer dos belos “Sinfonia Carioca” e “Bonequinha de Seda”?) para o cinema-novo de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos (“Redenção”, “A Grande Feira” – saudades da excelente Luiza Maranhão –, “Terra em Transe”), para o cinema-verdade, para o cinema-documento (“Rio 40º”, “Os Cafajestes”, “O Cangaceiro”), com Othon Bastos, Anecy Rocha, Jece Valadão, Odete Lara, Geraldo Del Rey, Vanja Orico, Norma Benguel, Glauce Rocha. E Oscar Santana fazia filmes de suma importância: “O Caipora” e “O Pistoleiro” mostravam novas facetas do ser humano... Mas, bem antes de Glauber Rocha, no ano de 1938, o também baiano Alexandre Robatto Filho (tio do meu querido amigo Tadeu Bahia) produzia e lançava aquele que é verdadeiramente o primeiro filme da Bahia: “Entre o Mar e o Tendal”. Robatto deixou uma filmografia formidável, todavia, pouco divulgada. Por que a imprensa não divulgou? O que falar, também, de Rex Schindler, que produziu ótimos filmes? Um dia, a resposta verdadeira aparecerá...

... e o Brasil ganhou a Palma de Ouro, em Cannes, com o “Pagador de Promessas” (quando brilharam intensamente Leonardo Vilar, Glória Menezes e Dionízio Azevedo)... Celly Campello e seu irmão Tôny empurravam a porta que se abria para a música da Jovem Guarda... João Cabral de Mello Netto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes constituíam a base obrigatória das leituras poéticas; a estupidez do assassinato de Aída

Cury, no Rio de Janeiro, abalou a juventude, que começava a ser “transviada”, também no Brasil...

No cenário mundial, filmes espetaculares, com interpretações mais espetaculares ainda, enchiam de luz os olhos dos frequentadores dos cinemas, desde os anos 40 até a década de 70: “Os Dez Mandamentos”, “Ben-Hur”, “A um passo da Eternidade”, “Iwo-Jima, o Portal da Glória”, “O Rei dos Reis”, “El Cid”, “Os Comancheros”, “O Mais Longo dos Dias”, “Ladrões de Bicicleta”, “Sete Homens e Um Destino”, “Adeus às Ilusões”, “Quando Setembro Vier”, “Salomão e a Rainha de Sabá”, “O Verão de 42”, “Pequeno Grande Homem”, “Vidas Amargas”, “Cleópatra”, “Melodia Imortal”, “Assim caminha a Humanidade”, “Trapézio”, “Desejo”, “Dr. Jivago”, “Easy Rider”, “As Duas Faces da Felicidade”, “Rocco e seus Irmãos”, “Tarde Demais para Esquecer”, “Midnight Cowboy”, “Uma Cruz à Beira do Abismo”, “O Passageiro da Chuva”, “A Volta ao Mundo em 80 Dias”, “O Último Pôr-do-Sol”, “O Céu é Testemunha”, “Êxodus”, “Love Story”, entre tantos outros, faziam a glorificação de magníficos atores: Charlton Heston, Yvonne De Carlo, Jeffrey Hunter, Yul Brynner, Cantinflas, John Wayne, Ina Balin, Gina Lollobrigida, Sandra Dee, Tony Curtis, Anouk Aimée, Alain Delon, Rock Hudson, Dustin Hoffman, Elizabeth Taylor, Sophia Loren, Tyrone Power, Sal Mineo, Kim Novak, Lee Remick, Richard Burton, Burt Lancaster, o nobre David Niven, Frank Sinatra, a bela Deborah Kerr, Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie, Sean Connery, Shirley MacLaine, Claudia Cardinali, Virna Lisi, Clark Gable, Brigitte Bardot, Charles Bronson, Jean Paul Belmondo, Jean Louis Trintignant, Milene

Demongeot, Clint Eastwood, Jean Seberg, Cary Grant, Robert Mitchum, Anthony Quinn...

Tantos e tantos outros filmes, atores e atrizes maravilhosos...

... lembrar das excelentes Katharine e Audrey Hepburn, da linda Nathalie Wood e da meiga judia Haya Harareet...

“Candelabro Italiano” enchia de amor – por Suzanne Pleshette – as mentes e os corações adolescentes. E Marlene Joubert despertava os mais sensuais sonhos...

O espetáculo “Arco-íris no Gelo” encantava os baianos em belas apresentações no Ginásio Antônio Balbino, o Balbininho.

Os discos voadores faziam a sensação das noites e dos dias, aparecendo e desaparecendo repentinamente em velocidades alarmantes... todo o mundo via, porém, ninguém conseguia comprovar que eles existiam (ou existem?..).

O Concílio Vaticano II começava a mudar a Igreja Católica Apostólica Romana.

A Seleção Brasileira conquistava o bi-campeonato mundial de futebol, nos gramados do belo Chile, escrevendo – definitivamente – o nome de Garrincha no Panteón da História, como – em minha opinião – o maior e melhor jogador de todos os tempos... A Cidade do Salvador viu, pela primeira vez, os jogos em *videotape*, pouco depois do encerramento dos mesmos...

Os Simcas, os DKW Vemag, as Vemaguetes, os Jepps, os Fuskas, as Kombis, as Rurais e os Aero-Willys desfilavam garbosamente pelas nossas avenidas...

Na esfera religiosa, a “Cruzada do Rosário em Família” difundia, com gigantescas concentrações, a mensagem do americano Padre Payton: “a família que reza unida, permanece unida”.

A Associação Baiana dos Estudantes Secundaristas / ABES e a soteropolitana ASES (onde fui secretário de Esportes, levado pelo saudoso Agustín Garcia Herranz) eram as bases mais sólidas da Política Estudantil... mas algumas reuniões terminavam em desgastantes e perigosos “bate-bocas”... Na Associação Cultural dos Estudantes da Bahia / ACEB (onde ocupei o cargo de diretor de Cultura), os seus diretores conseguiram desenvolver um vigoroso trabalho social...

Os Estados Unidos impediram a implantação de um campo de mísseis soviéticos em Cuba e fizeram o bloqueio intercontinental à ilha, quase provocando a Terceira Guerra Mundial...

A “Guerra Fria” se desenrolava nos palcos diplomáticos das grandes potências...

O Presidente John Fitzgerald Kennedy foi assassinado pela covardia humana... e a pergunta continua: por quê?...

A Revolução de 31 de março/1º de abril de 1964 explodia nas ruas, o presidente João Goulart e a sua imensa simpatia, carregado de prováveis belos ideais, muito frágil em sua defesa – e em sua competência para administrar –, acabou não tendo forças para impedir a Revolução (para alguns, um golpe...) e o violento regime de exceção (com imensos acertos e incríveis erros) que se seguiu depois. A união de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, liderada pelos governadores Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e

Adhemar de Barros, constituiu a amálgama para o sucesso inicial do movimento revolucionário, que teve os valorosos (e, posteriormente, desprezados) generais Carlos Luís Guedes e Olympio Mourão Filho no comando das tropas.

Mao Tsé Tung assustava o Mundo com a sua violenta e absurda “Revolução Cultural”.

Eram criadas a Rádio Bahia e a Rádio Cruzeiro, esta última com uma programação quase que exclusivamente musical (e de muito bom gosto) em tempos de somente emissoras AM... Entre os locutores das emissoras de rádio, algumas vozes muito se destacavam: Pacheco Filho, Gastão do Rego Monteiro, José Ataíde, Souza Durão, Carlos Lima.

O poeta quase menino perscrutou tudo isso; em sua marcante personalidade silenciosa, falando baixinho, quase recôndito – escondendo-se no aparecer –, soube deixar crescer em si o ser de poeta, explodindo criações prematuras em plena infância–adolescência, criações de vigor sintetizado, onde os cânticos clamavam invariavelmente por justiça, justiça ao ser humano – criação das criações ou evolução das evoluções – justiça em todos os momentos do existir, do ser em si, justiça para a natureza, justiça do viver a vida... no amor, no trabalho, no lazer, na família, o ser é o Ser, apenas porque ele é... mas... quem é o ser do poeta Sérgio?...

Sérgio sonhava, embevecido, com a sua primeira Denise... e eu com a morena Maria Eunice (irmã de outro muito querido e especial amigo, o saudoso Eduardo Xavier, ambos irmãos da querida amiga Cristina)... acabei sendo reprovado na 2ª série ginasial, por causa de tanto sonhar...

Em Salvador, o prefeito Virgildásio Senna, que começava a fazer uma boa gestão, foi deposto e preso pelos militares, o governador Lomanto Júnior, antes a favor de Jango, abraçou-se com os militares revolucionários e se manteve no cargo... Salvador passou para as mãos do integralista Nelson de Oliveira...

Os atos de exceção do governo militar começavam a ser anunciados, impetrados e executados...

... e o marechal cearense Humberto de Alencar Castello Branco – o mais culto de todos os militares-presidentes – recebeu a faixa presidencial prometendo restabelecer a democracia dentro de pouco tempo...

A campanha “Doe ouro para o bem do Brasil” mobilizava as famílias da Pátria, arrecadando ouro para pagar as dívidas contraídas pelos governos anteriores. E minha Mãe doou um anel de ouro. Onde foram parar essas joias?...

E Nelson de Oliveira formou uma equipe de alto nível; e trouxe o editor Gumercindo Rocha Dorea para dirigir o Departamento de Turismo e este criou a Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador / Sutursa, de saudosa memória... E o prefeito colocou na sua equipe nomes de destaque, tais como José Penedo Cavalcante de Albuquerque e Antônio Vinícius Raposo da Câmara.

E Gumercindo trouxe as suas “Edições GRD”, pretendendo lançar autores baianos. Anos depois, ambicionando permanecer na Bahia, trouxe também a sua família (a escritora e filóloga Augusta Garcia Rocha Dorea e os filhos Tera, Guga, Regina Helena e Mariângela, meus primos muitíssimo queridos).

Deixando o Seminário no mesmo ano da queda

de João Goulart e da ascensão dos militares, Sérgio passou para um dos focos da juventude opositora (contrarrevolucionária ou, como querem alguns, contragolpista...) – o Mosteiro de São Bento – onde a Equipe de Liturgia (da qual o meu irmão Walter José e eu participávamos), o Coral da Juventude, a JEC e a JUC (Juventudes Estudantil e Universitária Católica, respectivamente), irmanavam-se nas missas dominicais das 18 horas, sob a égide valorosa e sempre saudosa dos monges D. Jerônimo de Sá Cavalcante e D. Timóteo Amoroso Anastácio, assessorados pelos não menos valorosos D. Bernardo Lucas e D. Marcos Morais.

A Cidade do Salvador fervia...

Mas também vivia em festas: a sempre, e muito bem lembrada (e também injustiçada) Sutursa resgatou os muitos valores das tradições baianas provindas do mais autêntico misticismo sincrético, revitalizando e/ou fazendo renascer as belas festas populares e elaborando a mais esplendorosa decoração carnavalesca de todos os tempos (o famoso e inesquecível “Carnaval africano”), sob as mãos de artistas do quilate de Juarez Paraíso, Emmanuel Araújo e Edvaldo Gatto; igrejas históricas, como a Ermida do Mont Serrat e o Convento da Penha, foram devida e criteriosamente restauradas, assim como o guardião silencioso da Baía de Todos os Santos – o Forte São Marcelo, teria a mesma sorte das igrejas, com a inauguração do seu restauro nos primeiros dias do ano de 1967, e que, hoje, pouco mais de quarenta anos depois, atinge a plena restauração, sob a responsabilidade do coronel Anésio Leite.

As nossas faculdades (Direito, Filosofia, Música e Odontologia da UFBA), a saudosa Sociologia e Polí-

tica (da Ladeira da Barra), independente como poucas, Direito e Filosofia da UCSal, transformavam-se em pontos de embate ideológico e de gostosas festas da juventude soteropolitana, bem como o Clube Comercial em plena Avenida Sete de Setembro, o Cruz Vermelha no Campo Grande, o Fantoches da Euterpe na Gamboa e o Inocentes em Progresso na Saúde... e mais o Cirex, a Casa da Itália e o Centro Espanhol... onde a mocidade de classe média se esbaldava em memoráveis bailes... deixando o Yatch, a Associação Atlética e o Bahiano de Tênis para os afortunados da “alta estirpe”...; e a Sociedade de Cultura Artística da Bahia / Scab reunia os aficcionados da música erudita.

O Teatro Vila Velha surgiu no cenário cultural baiano como um expoente da mais pura intelectualidade. E a Feira de Água de Meninos terminou (sendo?) incendiada...

Nos saraus em casa do grande pintor Presciliano Silva, Caetano, Gilberto Gil, Bethânia e Gal davam os passos iniciais para a futura consagração.

Maria Esther Bueno mostrava, nas quadras de Roland Garros, que o Brasil também entendia – e muito bem – de tênis...

Sérgio, aos 14 anos, vai trabalhar em empresa de confecções (maiôs das misses, langeries e roupas infantis).

Estuda no mais tradicional entre todos os tradicionais colégios da Bahia – o próprio Colégio Estadual da Bahia, chamado de Central (hoje, reduzido a uma inquietante insignificância e a um brutal esquecimento...), aprende teatro, trabalha em empresa internacional, capricha na arte poética até agora recôndita.

Na metade da década, o jornal *A Semana Católica* começa a passar por forte renovação – sob a batuta do grande líder Germano Machado – penetrando com grandeza em todas as classes sociais; Sérgio passa a colaborar com este jornal, escrevendo a coluna “Juventude é Assunto”, onde comenta os fatos semanais da mocidade da primeira capital do Brasil, despertando vivo interesse entre os jovens. A sua tendência profissional é mesmo o jornalismo.

N’*A Semana Católica*, Sérgio publica uma sua entrevista com o Arcebispo D. Helder Câmara, provocando um intenso furor entre os agentes do governo militar e uma grande polêmica nos meios intelectuais.

O ótimo semanário *IC* também fez a sua história... E *O Mensageiro da Fé* levava as bases franciscanas aos quatro cantos da Bahia. O pequenino jornal *Opinião*, do Colégio Estadual Severino Vieira, movimentava intensamente os cérebros estudantis...

A Rua Chile era o “point” da juventude, notadamente em finais de tardes, principalmente no passeio do Palácio Rio Branco, onde se reuniam os rapazes para flertar com as mocinhas que por ali transitavam propositalmente.

A Loja Duas Américas, na Rua Chile, lançava uma incrível novidade: a escada rolante.

A revista *Única* ainda existia, mantida pelo altruísmo de Amado Coutinho...

O “Curso de Tradição e História da Bahia” (dirigido por Hélio Rocha e por Walter Dorea – o meu mano Walter José) levava os estudos sobre a terra-mater às mentes que queriam conhecer os nossos caminhos desde a chegada de Cabral; professores altamente ga-

baritados faziam a grandeza das suas aulas: Luiz Monteiro da Costa, José Calazans, Hildegardes Vianna, Cid Teixeira, Fernando Fonseca, Salvador de Ávila...

Na Sutursa, onde fui trabalhar em 1966, como auxiliar de pesquisas históricas, conheci a encantadora e linda estudante de música Nádja; nos jardins da Sutursa, no panorâmico Bar do Belvedere da Sé, no Restaurante Cacique, trocávamos os nossos cadernos de poemas, confidências e sonhos... assistíamos os mais belos filmes (“Um Homem, uma Mulher”, “Paris está em Chamas?”, “Dr. Jivago” e tantos outros) e construimos uma amizade extremamente forte e bela, a qual venceu o tempo e tudo e todos, unindo-nos em casamento pouco mais de vinte anos depois... poderíamos ter casado antes... mas o tempo ensina e fizemos um casamento que nos tornou em sempre-namorados.

Na mesma Sutursa, conheci Élvia (e aqui vai a minha homenagem a uma das mentes mais bonitas que já encontrei na Terra); em verdade, Nádja, Élvia, o mano Walter José e eu, fizemos nascer uma bela amizade.

Sérgio ganha mais um irmão: Daniel.

Salvador pegava fogo com as passeatas estudantis contra os governos das três esferas; Antônio Carlos Magalhães assumia a prefeitura, criticando veementemente – como era o seu feitio – o seu antecessor; o intelectual Luiz Vianna Filho ganhava o Estado e o marechal Arthur da Costa e Silva, o País; em agosto de 1967, vários dias de revoltas paralisaram a capital soteropolitana, com os estudantes se refugiando na reitoria da UFBa (inclusive eu) sob o manto protetor do saudoso professor José Calazans e, também, sob a névoa intensa de gás lacrimogênico...

... e mataram Che Guevara nas selvas da Bolívia, usando de toda a sordidez que um ser que se diz humano pode possuir...

Na formosa cidade de João Pessoa, namoro a bela morena Anne Elizabeth, que conheci através de correspondências promovidas por uma revista juvenil.

Se Salvador pegava fogo, as labaredas queimavam o Brasil inteiro... As passeatas no Rio de Janeiro conduziram à morte o estudante Edson Luiz...

O Brasil estava incendiado.

As matinées e vesperais dos cinemas Guarany, Capri e Popular ficavam repletas dos jovens em busca dos “filmes de arte”: “Um Dia um Gato” (alguém entendeu, mesmo, este filme?...), “Moderato Cantabile”, “Orquídea Negra”; o cinema Nazaré passava ótimas fitas, assim como o Lyceu e o Tupy, dando os seus primeiros passos como Cinerama... O Escotismo e o Bandeirantismo (magníficas fontes dos ideais educativos do lord Robert Baden-Powell) eram quase obrigatórios para a juventude... e Sérgio foi escoteiro na sua terra natal.

O Teatro Castro Alves incendiava (?) pela segunda vez...

A Ação Católica (mesmo sendo religiosa, viu surgir em seu seio a marxista Ação Popular) agitava-se em defesa de uma sociedade que os seus militantes consideravam mais justa, os colégios Central, Salesiano, Manoel Devoto, Antônio Vieira, Maristas, Dois de Julho, Feminino, Sacramentinas, Iceia, Aplicação Federal, São Jerônimo, Medalha Milagrosa, Santa Bernadete, Duque de Caxias, Auxiliadora, Mercês, São José, Costa e Silva, Severino Vieira, Escola Técnica Federal, Visconde de Cairu, Salette e Nossa Senhora do

Carmo destacavam-se pela primorosa educação transmitida e pelo rigor instituído sobre os seus alunos.

No colégio Alípio Franca, o saudoso professor Hermano Gouveia Neto conseguia eletrizar os alunos realizando as fabulosas “Semanas do Livro Baiano / Seliba”, com a participação dos mais destacados intelectuais da Bahia que, lamentavelmente, não tiveram continuidade após a sua morte.

As Olimpíadas Baianas da Primavera (sonhos realizados pelo igualmente saudoso e grande educador Adroaldo Ribeiro Costa, também criador da inesquecível “Hora da Criança”), congregavam – com rara beleza – a juventude soteropolitana em torno de uma miscelânea de modalidades esportivas, superlotando o antigo estádio Octávio Mangabeira (Fonte Nova) e o ginásio Antônio Balbino; os jogos de futebol de mesa (botão) e de xadrez eram verdadeiros compromissos morais...

E o Galícia e o Fluminense de Feira de Santana enfrentavam – sempre – de igual para igual (e derrotavam) o Bahia e o Vitória; o Leônico era a sensação dos campeonatos; Leônico (1966), Galícia (1968) e Fluminense de Feira de Santana (1963 e 1969) arrebataram os títulos da dupla Ba-Vi no Futebol... o Guarany, o Ypiranga (e Sérgio se diz torcedor do antigo “mais querido”, o auri-negro que balançava os corações de muita gente), o Botafogo e o São Cristóvão ainda existiam... as regatas nos Tainheiros eram verdadeiras festas e os concursos de Miss Bahia deixavam profundas marcas de “beleza, luxo e esplendor”...

A Jovem Guarda, com as suas belas e “Jovens Tardes de Domingo”, carimbava os tempos adoles-

centes-juvenis com Roberto Carlos, Ronnie Von, Vanderléia, Jerry Adriani, Vanderlei Cardoso, Martinha, Erasmo Carlos, Os Vips, Silvinha Telles, Trio Ternura, contracenando nos palcos vibrantes dos inesquecíveis festivais de Música Popular Brasileira, com as canções de protesto romântico de Edu Lobo (que considero – junto com Vinícius de Moraes – os dois melhores compositores que o Brasil já teve), Elis Regina (imortais saudades da melhor cantora do Brasil, em todos os tempos...), Chico Buarque de Hollanda (e a maravilhosa “Roda Viva”), Gilberto Gil (com o seu formoso e trágico “Domingo no Parque”), Nara Leão (e a sua docíssima voz, dona da casa onde – segundo se fala, com algumas controvérsias – surgiu a Bossa Nova), Geraldo Vandré (“Para Não Dizer que Não Falei de Flores”, censurada pelos militares)... Sérgio Bittencourt escrevia poucas, mas indescritivelmente lindas canções (“Modinha”, “Naquela Mesa”...) e os irmãos Valle (Marcos e Paulo Sérgio) criavam pérolas da música brasileira, tais como “Viola Enluarada”... E Caetano Velloso deixava – para todas as épocas – a sua melhor e belíssima composição: “Clarice”. Era o tempo dos magistrais MPB-4 e Quarteto em Cy.

Tempo de ouvir e sonhar com músicas como “O Amor é Azul”, “Um Homem, Uma Mulher” e “Tema de Lara”...

Sérgio faz vestibular para Jornalismo e dá os primeiros passos na faculdade; deixa a empresa internacional (contrariando os seus familiares), vai ser repórter da revista *Liderança* e estagia na Escolinha TB da briosa *Tribuna da Bahia* que estava nascendo, em 1968.

Aluno de grandes mestres, tais como Antônio

Loureiro de Souza, Florisvaldo Mattos, Consuelo Pondé de Senna, Fernando da Rocha Peres, João Carlos Teixeira Gomes (Joca), Raul Sá, Carlos Libório, Luiz Angélico, Cid Teixeira, entre outros, Sérgio se embriaga na sapiência dos brilhantes professores... Antes, nos tempos de curso científico do Colégio Estadual da Bahia (Central), coordenou o núcleo da valorosa JEC (Juventude Estudantil Católica); retornando mais ao passado, no Seminário participou ativamente do grêmio estudantil; no Ginásio São Bento, foi o responsável pelo jornal mural: aí, já começava a despertar o seu aguçado senso jornalístico.

1968. Este ano não é apenas “um capítulo à parte”; é uma livraria inteira. O que a minha geração viveu naquele ano, foi extraordinário... Palavras não contam o que foi aquele ano. Livros não contam. Enciclopédias não contam. O que conta é o que cada um viveu. O que conta é o que cada um passou. O mundo estava sacudido por Paris. A França – a grande França – ressurgiu. O Brasil, mesmo em meio à repressão oficial, andava para a frente. Tínhamos pensadores, tínhamos uma juventude altamente idealista e imbuída da nobre vontade de construir uma nação valorosa. Tínhamos o profundo desejo de ser. Sabíamos que o ser traria o ter. Era bem diferente de hoje, quando o ter é o que importa e o ser quase não vale mais nada.

1968 traz, também, *Experimental* (*Revista de Poesias*), criada por Sérgio e por este quase comentarista de suas obras; das manhãs de todos os sábados na redação d’ *A Semana*, surgiu *Experimental*: em 26 de setembro daquele ano, a saudosa Livraria Pindorama (de Ivo Andrade), na Avenida Sete de Setembro, estava

repleta de parentes e amigos, convidados nossos para o lançamento não apenas da arte-poesia que achávamos que fazíamos mas dos nossos ideais de viver; queríamos endireitar o Mundo...

... e o hoje imortal da Academia Brasileira de Letras – João Ubaldo Ribeiro – lançou um dos seus maiores sucessos (*Setembro não tem sentido*)...

As revistas *Serial* e *Conclave*, com Antônio Brasileiro, Jacinto Prisco, Fernando Batinga de Mendonça e Terezinha Saraiva à frente, eram grandes marcos da cultura jovem.

O marechal Arthur da Costa e Silva fez o que – dizem – não queria fazer: implantou o AI-5 e uma repressiva política de “chumbo grosso” no Brasil...

E, mais uma vez, a insanidade humana entrou em ação: mataram Robert Kennedy... (a minha política sempre admirou os grandes homens, homens de caráter, homens de dignidade irretocável, independente de credos sociais, independente de qualquer coisa).

O mesmo marechal Costa e Silva inaugura, no Japão, uma exposição de artesanato baiano, para lá remetido pela Sutursa, na gestão de Gumercindo R. Dorea.

... os tempos são de AI-5, são de passeatas, de tiroteios, de confusão política, de prisões arbitrárias, de desaparecimentos sumários, de julgamentos incertos e injustos, de publicações clandestinas, de saudades contraditórias de Che Guevara e de Bob Kennedy e dos seus sonhos quase pueris, de idealismo exacerbado; são tempos de 20 anos.

Daniel Cohn Bendit balançava a França do general Charles De Gaulle, os beatniks e os hippies espalhavam a sua filosofia de “paz e amor”...

E, em mais um ato de cruel covardia, mataram também o pacifista pastor Martin Luther King...

Martha Vasconcellos alcançou o que a outra Martha – Rocha – não conseguiu: foi escolhida Miss Universo; cinco anos antes, a doce gauchinha Yeda Vargas conquistava o mesmo título.

1969... Com a morte do marechal Costa e Silva (até hoje, envolta em nuvens), o Triunvirato Militar toma posse do governo, ignorando o vice-presidente Pedro Aleixo. A repressão piora, as cassações se tornam rotina. O fantasma do comunismo assustava pesadamente os nossos governantes.

O general Emílio Garrastazu Médici, com os seus olhos profundamente azuis, assume o poder, vindo da Aman. E aumenta a repressão...

Jamais fui a favor de qualquer regime ditatorial, todavia, é engraçado como os fatos são deturpados inescrupulosamente. Vivíamos uma generalização sul-americana de governos militares que tinham um inimigo comum: o Comunismo. Verdadeiramente, havia uma guerra declarada e escancarada aos ideais de Marx e Engels. E, se era uma guerra, logicamente teria que haver vencedores e derrotados. Quem vivia politicamente na clandestinidade fez a sua escolha: MR-8, Var-Palmares, PCdoB, PCB, eram instituições proscritas e perseguidas. Estavam do outro lado da guerra. Por que, nos dias atuais, costuma-se inventar “vítimas da ditadura”?...

Ao mesmo tempo, vivíamos uma riquíssima época cultural. A Bahia, o Brasil, o Mundo, eram verdadeiros caldeirões em ebulição de criações artísticas e literárias. Nunca se leu tanto. Nunca se escreveu tanto e tão bem. Nunca se publicou tanto neste País.

Nunca se produziu tantas belas artes. Nunca se sonhou tanto. Nunca se amou tanto...

O homem chegava à Lua... Parecia mentira. O homem andava na Lua. Da fixação do homem pré-histórico, com os seus desenhos rupestres representando os astros celestes, à conquista da Lua, passaram-se alguns milhares e milhões de anos...

A Bahia ganhava mais um canal de TV: a Aratu – Canal 4.

O “Milagre Brasileiro” de Antônio Delfim Neto, escondia por trás da espetacular tecnologia de ponta introduzida no Brasil, os porões tortuosos das torturas que viraram constitucionais...

Sérgio deixou marcado – bem marcado – esse tempo, na sua “Metáfora n. 1”:

“Árvores que crescem
são forças revolucionárias

Alocações de protestos?
– inconformismo... –
é o princípio da dinâmica

Massa (encefálica) em movimento...
Reação de causa e efeito
Árvores que crescem
dão frutos secretos:
– elásticos e explosivos –.”

O tempo dos nossos vinte anos foi escancaradamente marcante: éramos ainda quase meninos, quase infantes, mas a dor já havia penetrado em nossas mentes ávidas de vida, ansiosas por um mundo de homens melhores, livre das corrupções, do consumismo de-

senfreado, livre da confusão dos “ismos” sem nexos para a vida, buscando alcançar (inalcançável sonho?...) a paz, talvez (ou, até mesmo, com certeza, utopicamente) querendo, via poesia, construir o “paraíso” de um Chardin, um Exupéry, um Quoiist, um Rilke, um Rabindranath Tagore, um Paulo Setúbal, um Spinoza, um Gibran, um Jackson de Figueiredo, um Gorki, um Kazantzakis, um “Che” Guevara, um Plínio Salgado, um Bob Kennedy, um Tasso da Silveira, um Jacques Maritain (e sua Raíssa), um Agostinho, um Caio Prado Júnior, um Thomas Merton, um Alceu Amoroso Lima, um Nietzsche, um João da Cruz, uma Tereza de Ávila, ausentes das fantásticas complicações de Kafka, de Sartre, de Huxley, de Cruz e Souza, de Simone de Beauvoir (muito embora amplamente compreensíveis...). Ou, ainda, a paz sem paz de Neruda, Castro Alves, Parra, Vinícius, Drummond, Platão, Svetlana Stalin, Lucimar Luciano de Oliveira, Gustavo Corção, Verlaine, João Cabral, Machado de Assis, Marcuse, Raul de Leone, Hemingway, José de Alencar, Gerardo Mello Mourão, Pasternak, Adonias Filho, Hesse.

Tempos de explorar todos os livros (*A Bíblia, Morte e Vida Severina, A Selva, Dom Casmurro, Por Quem os Sinos Dobram, Siddhartha, Poemas para Rezar, Terra dos Homens, Os Servos da Morte, Iracema, Gitanjali, Rubaiyat, A Mãe, O Profeta, O Velho e o Mar, Construir o Homem e o Mundo, O Vale das Bolinhas, Cidadela, Guerra e Paz, Crime e Castigo, Carta a Greco, Dr. Jivago, O Lobo da Estepa, Fernão Capelo Gaivota, Os Velhos Marinheiros, A República, O Jogo da Amarelinha, Cartas a Meu Pai, O Pequeno Príncipe, Subterrâneos da Liberdade, O Mar e outras Descobertas, Um Modelo para o Brasil, Adeus às Armas,*

Sem Olhos em Gaza, Puro Canto, Maria, Contraponto, O Valete de Espadas, tantos e tantos mais...), todas as letras, todos os discos; tempos sem Internet e sem as “colagens” e “cópias” tão bestialmente superficiais!

Todas as noites eram noites de poesia: no Teatro Vila Velha (“Girândola”, “I Festival da Música Baiana” – onde andarás Pedrinho Kharr?... ele que era muito melhor compositor que todos os outros da Bahia, com exceção apenas para Caetano Veloso e Dorival Caymmi... – e a morte de João Augusto retirou de cena uma das melhores atrizes que eu já vi: Maria Adélia).

Na Livraria Pindorama e no Mosteiro de São Bento (onde apresentamos o “Musi-Poema”, em homenagem ao jornal *A Semana*), a juventude vivia... cadê Céu Brandão – a minha bela e terna então namorada? Céu era estudante do Central, bandeirante, campeã de vôlei pela Associação Atlética da Bahia e ótima poetisa. Eu a considerava a mais linda rosa da vida... Cadê Carlos Purificação e as suas belíssimas canções de beira-mar? Por onde você anda, Aurinha Mercês, com o seu lindo sorriso e a sua imensa ternura?...

A década de 60 ia chegando ao fim; ainda lançamos o segundo e o terceiro números de *Experimental* e, infelizmente, não conseguimos passar daí.

Em *Experimental 3* lançamos a hoje excelente teatróloga Aninha Franco. Entre o primeiro e o terceiro números, apresentamos a arte poética de Céu Brandão, Amarílio Mattos, Gilza Borges, Ronaldo Cairo, Maria Bethânia Knoedt, Thadeu J. Cruz (velho amigo-irmão e que nunca mais vi), Dircêo Villas-Boas, Luiz Sérgio Rocha, Emerson Palmeira, Alcir

N. dos Santos, Luiz Fernando Hupsel, Euclides Batista, Eduardo Gordilho Fraga. Por onde andarão?...

Nas faculdades, a Bahia vibrava. A Bahia do Salvador era um poema completo...

As feiras de livros na Praça da Piedade ficavam repletas de leitores. E os livros eram vendidos e muito lidos.

... mas Sérgio se queixava, com “Inquietação”:

“Já não existe
noite sem luz
– Tudo está claro –

Já não existem
a rua sem movimento
e o movimento nas praias
– Queria ter paz para todos –

Já não existem
lágrimas nos olhos
e paz nos corações
– Tenho lágrimas para todos –.”

“Tenho lágrimas para todos” e não existe mais a “paz nos corações”.

A Salvador dos anos 60, que o poeta Sérgio Mattos conheceu, vivia a Paris de Daniel Cohn Bendit e a repressão de De Gaulle, vivia a Saigon e a Hanói na guerra estúpida do Vietnã (quem viveu as notícias dessa guerra, não estranhou nada com relação à do Iraque... Nixon e Bush... matar pelo prazer de matar...), vivia o drama da seca nos sertões (alguma diferença para os dias atuais?... e para os tempos de Eu-

clides da Cunha?...) e o eldorado dos retirantes, vivia as passeatas estudantis e a violência das repressões policiais.

Sérgio buscou o sonho do poeta:

“Era um homem.
Um homem
que a tudo descobriu...
– era um poeta –.”

E o poeta viu, “Comovido”, quando “o vento começou a soluçar...” porque “o mundo dos brinquedos / entardeceu no tempo”...

Em 1969 fiz o meu estágio inicial de Arqueologia com o saudoso professor Valentin Calderón, um cientista e um mestre na mais completa acepção da palavra; eu sonhava com isso desde os meus quinze anos...

Em 21 de outubro deste mesmo ano, o jornal *Tribuna da Bahia* chega às bancas com o seu primeiro número; Sérgio tem a sua carteira profissional assinada como jornalista e, ali, naquele valoroso veículo de comunicação, atuou como repórter especial, repórter político e chefe de reportagem.

Sérgio namorava a irradiante sergipana Maria Helena, com quem se casaria e viria a ser a mãe de seus filhos (Paulinha e Rafael; quando Paulinha nasceu – em 25 de janeiro de 1973 – e eu fui visitá-la, Sérgio me disse: “é mágico ter um filho, Ivan”... há quase 22 anos, eu digo a mim mesmo que sei...); eu namorava a doce Céu Brandão; os nossos namoros eram apenas poesia...

As avenidas de vale começavam a ser abertas...

Lembro-me que, estudando à noite e morando no bairro do Barbalho, cansei de vir andando do curso pré-vestibular (na Praça da Piedade) pelas Avenidas Joana Angélica e Vale de Nazaré, sem preocupações com assaltos... Eram os anos de 1967 e 1968. Depois, cursando História na Universidade Católica do Salvador, já na primeira metade da década seguinte, continuei a fazer o mesmo, indo da Palma ao Barbalho, em ritmo de passeio, às dez, onze horas da noite.

Hoje... Naqueles belos tempos, as páginas policiais dos jornais tinham meia página. Hoje, são duas, até três...

Um quarteto de amigos lança a excelente revista *Bahia Agora*; Álvaro Meira, Gumercindo Rocha Dorea, Hélio Vieira Santana e Omar Barros deram à Bahia um precioso veículo de comunicação, onde a beleza gráfica se misturava com as ótimas matérias culturais e turísticas, divulgando o melhor da terra baiana. Hoje, quem quiser consultá-la encontrará uma coleção na Academia de Letras da Bahia, coleção esta ofertada por Gumercindo Rocha Dorea ao presidente Eduardo.

... anos 70...

Nos gramados de Guadalajara, a Seleção Brasileira conquista o tri-campeonato mundial de futebol; foi a época de mostrar ao Mundo os fabulosos Jairzinho e Rivelino e a impressionante categoria de Gérson e Tostão.

A Bahia fervia de suplementos literários em seus jornais. O valoroso e guerreiro *Jornal da Bahia* lançou

a página “Gente Jovem Pede Passagem”, editada pela sensibilidade marcante de J. Lopes da Cunha (depois, por sugestão minha e de A. J. Moura, ficou somente “Gente Jovem”); nesta página, destacavam-se – e muito – as belas colaborações poéticas do citado A. J. Moura – hoje, médico psiquiatra, antigo bom amigo e que nunca mais encontrei –, do hoje juiz de direito (quase desembargador e amigo querido) João Augusto Alves de Oliveira Pinto, do auditor Tadeu Bahia (outro amigo muito querido, autor de belíssimas crônicas e poesias), que se juntavam às encantadoras prosas-poéticas da também encantadora Aneliza...

A meiga Evinha ganha o primeiro prêmio do “Festival Internacional da Canção” com a linda música “Luciana”... e o Maracanãzinho quase ruiu com as vaias ensurdecedoras do público... A preferida era a inglesa “Love is all”, também linda.

Diplomando-se em Jornalismo em 1971, Sérgio passa a ser assessor de imprensa da Secretaria de Agricultura do governo do Estado da Bahia, ali permanecendo por cinco anos; também em 1971, inicia a sua trajetória no jornal *A Tarde*, ocupando o cargo de editor de suplementos, aí incluído o “Jornal de Utilidades”, importante criação sua.

Sérgio faz concurso para a UFBA e vai lecionar no curso de jornalismo, dando os primeiros passos em uma brilhante carreira no magistério universitário, chegando quase a reitor, anos depois.

1973 traz o seu primeiro livro de poesias: *Nas Teias do Mundo*. Sobre ele, escrevi:

Sérgio compreende fundo que “o mundo de essências / está nas mãos do poeta” e, mesmo o

homem sendo o mais voraz dessa crosta-mundo, existe ainda um homem, “um homem / que a tudo descobriu...”. Essa alentadora certeza – inesgotável porque pensamento e pensamento é eterno – reabre as perspectivas (negras, talvez, em margens totais) mas atenuadas, agora pela fé, na sublimação do ser universo.

Emerson Fittipaldi arrebatava o primeiro bi-campeonato de Fórmula 1 para o Brasil...

Ingressando no curso de História da UCSal, conheci e convivi com excelentes historiadores: dra. Katya Mattoso, prof. Alfredo de Andrade Lauria, prof. Delmar Evaldo Schneider, prof. Sérgio Guerra, profa. Eugênia Lúcia Vianna Nery. Igualmente na UCSal, conheci outro amigo muito querido: Roberto Nascimento Souza, doutoríssimo em Filosofia.

Um dia, conheci Yara... E Yara – com a sua beleza loira e a sua poesia – seria a minha musa-inspiradora, a minha intensa companheira, durante seis belos e, ao mesmo tempo, muito sofridos anos... Anos de profundos sonhos compartilhados em plenitude e de muita dor também...

Meses antes de concluir o curso, eu já estava lecionando na UCSal, aí permanecendo até junho de 1980.

Em 1º de outubro de 1974, um grupo de abnegados amantes da ciência da antiguidade dá início à fundação da Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia / AAP-H.Ba, acatando a excelente ideia do grande realizador Adinoel Motta Maia... Fui o seu primeiro e interino coordenador, sob a magnífica supervisão técnico-científica de Valentin Calderón. Sér-

gio divulgava, nas páginas d'*A Tarde*, todas as nossas realizações.

Sérgio integra a antologia *Cinco Poetas Contemporâneos*.

Continua escrevendo muito. Publica uma plaqueta que denominou *Estudos de Comunicação* (o seu primeiro livro jornalístico), bem como participa de outra antologia poética: *Retina*.

As guerrilhas no Araguaya e em Registro eram ocultadas pelo governo militar, mas aconteciam. As perdas eram de ambos os lados... Era uma guerra e, como era guerra, havia prisões e mortes...

O Iguatemi é inaugurado, a Cidade do Salvador entrava na era dos shoppings...

Ernesto Geisel era o presidente do Brasil. Roberto Figueira Santos era o governador da Bahia. Jorge Hage, o prefeito de Salvador. O jornalista Vladimir Herzog foi morto nos porões nefastos do DOPS de São Paulo, aos 38 anos de idade. E mataram também o operário Fiel...

Os governos militares na América do Sul continuavam a dominar quase todo o Continente...

Um dos melhores cinemas de Salvador era o Bristol, depois transformado em Art I e Art II. Hoje... e os fanáticos “religiosos” destruíram – cometendo um pesado crime contra as belas artes – o belíssimo painel do mestre Juarez Paraíso. A CHESF convocava, em edital, para a construção da Barragem de Sobradinho... E Sobradinho se tornou o marco do pioneirismo da arqueologia de barragens, no Norte e Nordeste, sob a inspiração do grande mestre Valentin Calderón...

Surge no cenário da Bahia um dos mais belos

livros até hoje já escritos: *Amém Aleluia*, de Martha Luz. O “Pai-Nosso” estudado e meditado em versos. A profunda interpretação da oração maior, de acordo com a sensibilidade de uma nordestina das plagas do rio São Francisco. E Martha, em seus programas na rádio Juazeiro, transmitia encantamento, esperança e verdade.

De pesquisador de documentos históricos do Arquivo Municipal passei a trabalhar com arqueologia no IPHAN, onde fiz novas e ótimas amizades: os arquitetos Eduardo Furtado de Simas, João Legal Leal, Mário Mendonça de Oliveira e Francisco Santana.

Em janeiro de 1976, Sérgio vai conhecer a Europa; no ano seguinte lança novo livro de poesias, com o belo título *O Vigia do Tempo*, e nasce Rafael, seu segundo filho.

O seu livro de crônicas – belas crônicas – *A Batalha de Natal* é lançado. Conquistando uma bolsa para realizar o mestrado e o doutorado na Universidade de Austin, Texas, Sérgio deixa a Bahia, em maio de 1978, por um período de cinco anos; dos EUA, ele escrevia periodicamente e pedia que eu fizesse o mesmo. Eu, pouco respondia...

Na terra do Tio Sam, relança *O Vigia do Tempo*, agora em edição inglesa (*Time's Sentinel*) e lança *Já não canto, choro (I no Longer Sing, I Cry)* e conclui o mestrado, defendendo a tese “The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil”. Ainda nos Estados Unidos, lança *The Development of Communication Policies Under the Peruvian Military Government (1968 – 1980)* e *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*; conclui o doutorado, apresentando a tese “Domestic and

Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil” e retorna à capital baiana, onde reassume as suas funções de professor da UFBA. Era o ano de 1982, em seu mês de setembro.

Tempo de grande sucesso da doce e linda Diana Ross...

Poucos anos antes, começou a volta dos exilados brasileiros e o nascimento de uma “democracia” caricaturizada. Quem é mais vítima?... O governo militar, que terminou rotulado de “ditadura” (se compararmos com as outras ditaduras, inclusive as da nossa América, a brasileira foi apenas – e tão somente – um período um pouco mais duro...), ou os “militantes de esquerda”, que passaram a fazer das lutas políticas um verdadeiro “cavalo de batalhas”, influenciando o tosco imaginário popular com a sua linguagem de retórica?...

... anos 80...

A Guerra das Malvinas coloca em choque Argentina × Inglaterra. Mas a “Rainha dos Mares” mostra que é belicamente muito superior, apesar da grande perda de vidas imposta pelas forças portenhas...

Eu fui parar em Belém do Pará, continuando os meus estudos de arqueologia com outra sumidade desta ciência no Brasil: Mário Ferreira Simões.

No palco do Mundo, Jimmy Carter perdeu a reeleição para o ator Ronald Regan. Coisas da gente estadunidense...

Andando pelo Chile, Argentina e Uruguai, conheci algumas marcas das ditaduras impetradas naqueles países; uma tarde, só porque estava passando pela calçada do Palácio La Moneda (em Santiago), alguns policiais mandaram que eu descesse dali e passasse bem longe... de outra vez, também em Santiago, fotografava alguns prédios históricos da cidade, à noite, quando policiais me indagaram o que eu iria fazer com aquelas fotos... Só faltaram sequestrar a minha máquina. Igualzinho às ordens repressivas dos nossos policiais na calçada do quartel general (na Rua da Mouraria), nos anos 70... mas – em linhas gerais – os nossos tempos militares eram bem mais brandos em comparação aos outros da Sul-América...

Dois anos depois, desembarquei no Rio de Janeiro, onde servi igualmente dois anos ao IPHAN... Lá, eu me sentia um exilado... mas, gostava do Rio... conheci e namorei, durante quase todo o meu tempo carioca, Tati, a bela filha de índios da sul-matogrossense Aquidauna.

A aids começava a espalhar os seus mortíferos tentáculos...

OVitória conseguiu quebrar a longa hegemonia do Bahia, tirando-lhe o octa-campeonato...

Em outubro de 1980, a Bahia perdeu Valentin Calderón, que se despediu da vida aos 59 anos de idade, depois de lutar alguns meses contra insidiosa moléstia. Perdeu um cientista. Perdeu uma das personalidades mais nobres que eu já conheci.

Alguns anos antes, começavam a explodir as greves no ABC. Surgia Lula fomentando a desordem...

Sempre fui contra greves; creio que é o último instrumento de pressão que deve ser usado e, mesmo

assim, em casos excepcionais. A arma – de ambos os lados – deve ser o diálogo até o esgotamento e não os movimentos paredistas.

O restabelecimento das eleições para prefeitos e governadores se tornou uma realidade...

As “Diretas Já” pediam a volta da democracia...

Em maio de 1983, Sérgio é nomeado diretor do IRDEB / Instituto de Radiodifusão Educativo do Estado da Bahia, onde impulsiona o projeto da televisão educativa, deixando o cargo em julho de 1984, por pressões políticas.

20 de fevereiro de 1984: criei o Centro de Estudos e Pesquisas da História / CEPH, hoje ampliado para Centro de Estudos das Ciências Humanas / CECH. São 25 anos de lutas a favor das ciências da arqueologia e da história, lutas repletas de grandes alegrias mescladas com profundas e doloridas decepções.

O Colégio Eleitoral elege Tancredo Neves... mas José Sarney assume em seu lugar. A doença e a morte de Tancredo nunca ficaram bem explicadas...

Sérgio retorna ao jornal *A Tarde*, criando o suplemento “A Tarde Municípios” e, pouco depois, “A Tarde Rural”, revolucionando o jornalismo baiano e liderando uma equipe que fazia um jornal de categoria internacional sobre o interior do Estado (congregando jornalistas do quilate de Luiz Eduardo Dórea e Ary Donato); ao findar o ano de 1985, em noite festiva no Hotel da Bahia, o seu livro de poemas *Lançados ao Mar* faz sucesso.

Chernobyl... O desastre atômico acontecido na URSS alertou o Mundo para o terrível perigo da energia nuclear mal cuidada.

Gorbatchev, a “Glasnost” e a “Perstroika” tomavam conta da URSS, invadiam o mundo, prognosticando que a URSS não demoraria muito a acabar.

Eu, em 1987, voltei para a UCSal, lecionando “Antropologia” nos cursos de Geografia, História, Serviço Social e Teologia, levado pela mão amiga do saudoso professor Walter Trindade, aí permanecendo até 2001.

Sérgio continuava crescendo no magistério da UFBA. Já divorciado, conhece Heloísa Helena, uma bela e culta mulher, com quem vive um grande romance... que passa também, transforma-se em passado. Apenas.

Meu casamento com Nádja consagra a amizade mais querida dos meus dezoito anos... E respondi a Nádja, naquela tarde no Barravento, em 12 de março de 1987: “As suas filhas serão as minhas filhas”. Assumi Faísa, Layla e Thais, como um pai que ama – e muito – as suas filhas.

Morre o Cardeal Dom Avelar Brandão Vilella, uma das mentes mais lúcidas e sensatas da Igreja Católica Apostólica Romana.

Fernando Collor de Mello é eleito – pelo voto direto – tornando-se o primeiro presidente escolhido pelo povo depois de Jânio Quadros e João Goulart...

... anos 90...

Durante esta década, Sérgio lança os excelentes *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história – 1950 – 1990*, *Censura de Guerra: da Crimeia ao Golfo Pérsico*, *O Controle dos Meios de Comunicação*, *A Televisão e as*

Políticas Regionais de Comunicação e Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha.

O presidente Fernando Collor de Mello é derubado. Com grandes ideias, mas sem apoio político, com pouca idade (...) e maturidade, perdeu o poder, em um espetáculo circense de péssima categoria (e os nobres artistas de circo que me perdoem a horrível comparação), promovido de maneira deprimente por grande parcela de “políticos” do Brasil. Os erros de Collor – considerados pesados – comparados com os que são cometidos nos dias atuais, eram apenas pequeninas falhas...

A URSS agoniza e acaba; do velho e anacrônico Comunismo, restam alguns poucos sobreviventes... e a China comunista continua comunista... mas se capitaliza a cada minuto que passa...

Falece D. Maria Helena, a querida e bonita mãe de Sérgio, em 30 de janeiro de 1993.

Um sociólogo chega à presidência da República Federativa do Brasil. Fernando Henrique Cardoso. Um nome profundamente respeitado no internacional conhecimento das comunidades científicas e políticas. Uma referência indispensável em Sociologia. Oito anos de governo, a criação do Plano Real, a estabilização da moeda brasileira. Em contrapartida, do outro lado, a intensa crise energética, a permanência perigosa dos graves problemas sociais.

E o presidente Fernando Henrique tinha ao seu lado o melhor cérebro da Antropologia nacional: D. Ruth.

O domínio dos computadores e a revolução da Internet mudam o mundo, transformam o dia-a-dia das empresas, das repartições, dos lares, das festas...

Surge o mundo virtual. Surge a comunicação imediata via e-mails e msn. Surgem alguns belos blogs, orkut e sites. Mas, junto a estes, vergonhosos instrumentos de incentivo à pedofilia, à bandidagem, ao suicídio, à prostituição, à canalhice...

Eu fui lecionar na EsAEx (Escola de Administração do Exército) e na Lumen Christi, constituindo a minha trilogia no magistério universitário; entre a vivência eclética e sempre querida da Universidade Católica do Salvador, passando pela impecável e rígida – mas autêntica e construtiva – disciplina da EsAEx e chegando à paz quase coloquial da Lumen (e sua pequenina e linda capela, onde eu me encontrava com Jesus-Deus e com a Virgem Maria, confirmando cada vez mais a minha fé católica), organizei a minha vida de professor de algumas gerações.

Asas para Amar e Estandarte (este lançado em três edições pela GRD, de São Paulo), chega ao público. Tive a imensa honra de selecionar os poemas de *Estandarte* e escrever o seu prefácio; Sérgio lança, também, *Trilha Poética* e, posteriormente, *Fio Condutor*.

Surge a *Neon*. Nascida como um belo sonho, carregada do mais puro idealismo, alicerçada em um jornalismo de altíssima qualidade, Sérgio lidera o grupo que criou a ótima revista. Nomes do mais alto quilate, habitantes das diversas esferas litero-político-sociais da Cidade do Salvador, constroem as belas páginas durante alguns anos... mas o fôlego de um veículo de comunicação desse porte, nas lides sempre provincianas da Bahia, acaba não resistindo muito. E *Neon* cresceu, despertou paixões, começou a cair e morreu, deixando um imenso vácuo na cultura do Estado. Passou a fazer parte do quarteto imortal (mas

desaparecido) das especiais revistas baianas de assuntos gerais: *Única*, *Bahia Agora*, *Liderança* e *Neon*.

Sérgio e outros intelectuais fundam a ALAS. Academia de Letras e Artes do Salvador. Um sodalício de primeira linhagem, onde se multiplicam patronos da qualidade intelectual de Ranulfo Oliveira (homenageado de Sérgio), Valentin Calderón, Otávio Mangabeira, Dom Augusto Álvaro da Silva, Irmã Dulce, Jorge Calmon, Adroaldo Ribeiro Costa, Mãe Menininha do Gantois, Lindemberg Cardoso, Adonias Filho, Anísio Teixeira, Jair Ribeiro de Brito (meu excelente professor, em cuja sabedoria eu bebi, aprendendo os caminhos da História, junto com o seu cunhado e não menos excelente mestre Ivo Vellame), Castro Alves, Pedro Calmon, Luís Vianna Filho, Aristides Maltez, Presciliano Silva, entre outros da mesma categoria. A ALAS se estrutura, se organiza. Sérgio é o seu primeiro presidente, outros lhe seguem o caminho: José Jorge Randam, Rozendo Ferreira Neto (velho companheiro da Associação de Paes e Mestres do Colégio Sacramentinas), Cícero Villas-Boas Pinto, Lamartine de Andrade Lima, Antônio Ivo de Almeida (também colega da Aspam – Sacramentinas), nomes de singulares conhecimentos eruditos.

Na ALAS reencontro o vasto conhecimento cultural de Rizodalvo Menezes e a doce poesia de Ângela Cristina Tenório de Albuquerque (antigos e queridos colegas da Sutursa), o grande mestre Germano Machado – um dos principais pensadores vivos que existem no Brasil – e que lançou Sérgio e eu, literariamente, na saudosa *A Semana*, quando éramos quase ainda adolescentes), Hélio Rocha (um nome que não

requer apresentações e que tem como carro-chefe a sua altíssima estrutura cultural, querido amigo da minha família), José Jorge Randam (e a sua elegante erudição, o presidente que mais impulsionou a ALAS, fazendo com que os dias de glória vivessem em nossa instituição), Emilton Moreira Rosa (antigo chefe do Grupo Escoteiro Luiz Tarquínio, ex-cônsul do Japão – homem que conhece a fundo a cultura nipônica), o maestro Fred Dantas (vizinho da casa de minha Mãe, desde criança sempre demonstrou excelente gosto musical), Edivaldo Boaventura (e sua marcante e digníssima personalidade), Oleone Coelho Fontes (e as histórias do Cangaço)...

Ali conheço também a capacidade intelectual de Lia Vianna Queiroz, Kleyde Mendes Lopes, Lamar-tine de Andrade Lima, Vanda Angélica da Cunha e Paulo Segundo da Costa... Hoje, com quase dez anos de vida, a ALAS – um sonho de Sérgio – espalha os seus raios, fomentando a cultura acadêmica, de onde eu participo com a maior das felicidades, ocupando a cadeira dedicada ao saudoso prof. Valentin Calderón.

Hollywood lança para o mundo alguns novos e excelentes atores e atrizes: Demmy Moore, Robin Williams, Richard Gere, Susan Sarandon, Meryl Streep, Penélope Cruz, Whoopi Goldberg, Sigourney Weaver e ótimos filmes voltam a ser produzidos, tais como “Ghost – Do Outro Lado da Vida”, “Sociedade dos Poetas Mortos”, “Na Montanha dos Gorilas”, “Alta Infidelidade” e outros mais.

Morre Irmã Dulce; a sua morte não entristeceu somente a Bahia católica; o “anjo bom da Bahia”, como a chamava o falecido senador ACM, era querida em espaços sem fronteiras. Deixou um legado

de caridade e de amor comparável ao de Madre Teresa de Calcutá.

Uma tarde, no Bar Barravento, misturando alguns poucos (?) chopps com muitas e profundas confidências, Sérgio me falou sobre Denise... Denise, a sua dentista. Eu, algumas horas mais tarde, teria que ministrar aulas de “Antropologia Cultural e Filosófica” e “Filosofia da História” na Universidade Católica do Salvador. Quando saímos do Barravento, pouco depois, em meio às aulas, fiquei pensando em Sérgio e em seu provável terceiro casamento... Daria certo? Seria mais uma amargura para o meu amigo? Da mesma forma, ele – e ela – conseguiriam superar as feridas anteriores? Denise ficou. Deu certo. Denise é uma figurinha (no melhor sentido da etimologia carinhosa) encantadora, uma amiga extremamente querida, uma mulher que colocou a vida amorosa de Sérgio nos trilhos, a companheira que meu amigo necessitava. Denise é o bálsamo de Sérgio, o seu ponto de equilíbrio. É a alegria e a preocupação juntas. É a vontade conjunta de ser e de ter. Mesmo em meio às imperfeições que cada pessoa tem, superou a si mesma e conquistou Sérgio. Amplamente. E eu e Nádja tivemos a imensa honra de ser os padrinhos do casamento deles.

Diplomado cidadão de várias cidades do interior da Bahia, Sérgio passa a ser – com a maior justiça – cidadão baiano em 1997. Cria o IBL / Instituto Baiano do Livro, instituição que impulsiona a literatura na Bahia. É eleito para a ALAFS / Academia de Letras e Artes de Feira de Santana, tendo como patrono o grande historiador Pedro Calmon.

... anos 2000...

Falece o pai de Sérgio, sr. José de Castro Mattos.

Lula – o ex-operário grevista foi eleito presidente do Brasil... E reeleito... O socialismo do ex-operário se transformou em capitalismo mais forte e perverso do que o praticado por qualquer governo plenamente capitalista.

A corrupção se institucionaliza e se torna endêmica em diversas esferas do país... A violência se enraíza na sociedade brasileira. O belo Rio de Janeiro padece controlado pelos traficantes. A gigantesca São Paulo apresenta feridas profundas. Salvador segue tristemente o caminho do Rio. A prostituição infantil se alastra na linda Fortaleza e no imponente Recife. O medo de sair às ruas à noite, a passear, paralisa a simpática Porto Alegre.

As invasões de terras – produtivas ou não – se espalham Brasil a fora. Gente que nunca soube o que é trabalhar a terra, empunha foices para sequestrar fazendas... Reforma agrária?... Onde?... A política de assistencialismo barato e sujo inunda os quatro cantos do Brasil. E os “trabalhadores” que recebem o Bolsa Família aumentam o potencial da preguiça... E depois dizem, quando passam fome: “Não tem jeito mesmo, moço, Deus quis assim, né?”

Para que trabalhar?...

Surge uma faculdade em cada esquina, o ensino vira um comércio altamente lucrativo. E a educação piora cada vez mais...

E ainda dizem que o Brasil está andando. Para onde?!

Verdadeiramente, o populismo – base da mais

deslavada demagogia – passa a imperar no Brasil. É este o crescimento?...

... mas, manter a moeda em alta e a inflação controlada, já é uma grande coisa... basta cavalgar na estrutura que o presidente Fernando Henrique Cardoso criou...

Sérgio lança o ótimo livro *Imparcialidade é Mito* e se aventura na área das novelas literárias e do romance: surgem *Amadeu, um Bandido Nordestino*, *Os Funerais de Dona Camila* e *As Confissões Sexuais de Maria Francisca*.

As tsunamis devastam diversas cidades asiáticas e centenas de milhares de mortos se transformam em apenas mais um número nas estatísticas. Deveria acontecer também no Brasil e devastar os corruptos daqui...

Nasce Sofia, a primeira netinha de Sérgio.

Sérgio ganha o Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria Maturidade Acadêmica. Aposentado pela UFBA, vai trabalhar na Unibahia, ocupando o cargo de diretor-coordenador de extensão, pesquisa e pós-graduação – onde cria os cursos de Jornalismo e Relações Públicas –, depois de se afastar (...), anos antes, d'*A Tarde*. Coordena o curso de jornalismo da Faculdade da Cidade do Salvador e é aprovado, em primeiro lugar, para lecionar na recém-criada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O ataque ao maior centro financeiro da Terra, em 11 de setembro de 2001, assusta e emociona profundamente todo o mundo dito civilizado. A maior potência do planeta é ferida dentro de suas próprias entranhas. Milhares de vidas inocentes são ceifadas pela estupidez do radicalismo (racista, ideológico e religioso).

... mas os títeres da Al-Qaeda sorriem... o terrorismo é impulsionado, lançando definitivamente Bin Laden no panorama político mundial como uma celebridade, mesmo que de forma escancaradamente torpe.

Até quando destruir, matar, roubar, saquear, sequestrar, corromper, vai ser solução???

Quando minha Mãe faleceu, em 17 de dezembro de 2002, Sérgio escreveu, no cartão da coroa de flores, poucas, mas belas palavras: *D. Marisette: Mãe de poeta não morre. Resplandece.*

Morre o Papa João Paulo II e todo o seu imenso carisma polonês, ascende Bento XVI com o seu profundo conhecimento teológico, com posições firmes e indiscutíveis, que provocam algumas pesadas polémicas.

Desponta – e toma força – a incrível demagogia das indenizações aos “guerrilheiros”, às “vítimas da ditadura”, que recebem vultosas quantias por terem sido “revolucionárias”... E as vítimas deles, alguém se lembra delas? É o mesmo que os “direitos humanos” para os bandidos... Alguém se lembra das vítimas dos criminosos?...

Tipos alucinados querem se perpetuar na Venezuela, na Bolívia, no Equador, no Paraguai e na Argentina e são bajulados vergonhosamente por outros líderes de países emergentes (aí, incluído também o Brasil)... mas o Rei da Espanha passou a maior reprimenda: *Por que no te callas?*

Depois de anos e anos de domínio da dupla Bahia /Vitória, o Colo-Colo levou o título de campeão baiano de 2006 para a bela cidade de Ilhéus.

Os inesquecíveis e – ao mesmo tempo – aguer-
ridos e confraternizadores jogos de futebol de mesa
(botão), que reuniam famílias inteiras disputando os
campeonatos, desapareceram ou quase caíram em de-
suso; já não existem mais campeões da categoria do
saudoso e grande amigo Eduardo Xavier e do queri-
do primo-irmão Roberto Dorea, os quais conquista-
vam quase todos os títulos no bairro do Barbalho.

Sérgio lança mais um livro: *O Contexto Midiático*.

Ainda no ambiente literário, é lançado o exce-
lente livro *Integralismo na Bahia*, de Laís Mônica Reis
Ferreira, trazendo para o universo culto uma pro-
funda e imparcial análise do importante movimento
criado por Plínio Salgado; a autora, com grande ho-
nestidade e coragem, mostrou como se interpreta a
História: falando a verdade.

Os trabalhos de Arqueologia na Casa da Torre
de Garcia d'Ávila (em Praia do Forte) continuavam
descobrendo o maior e mais espetacular acervo já co-
letado em um só lugar no Brasil; para mim, como
arqueólogo, é uma preciosa honraria supervisionar
estas pesquisas.

E Barack Obama foi eleito: será ele a grande espe-
rança que a humanidade sonha? A sua simplicidade,
unida ao apoio de gigantes do mundo estadunidense
(tal qual os Kennnedy e os Clinton), tornaram-no ex-
tremamente carismático. E vitorioso.

Mas, e sobre nós, será que o Brasil ainda toma
jeito?...

Sérgio responde:

“Hoje é uma triste tarde de domingo.
Já não vejo moça bonita

na praça ou no banco da Igreja.
As janelas estão fechadas,
as pessoas isoladas
e a rua deserta.
Os bancos da praça estão vazios.
Já não vejo jovens trocando beijos
e passeando de mãos dadas à luz do sol.”

...

“Vivo numa terra-mundo violada,
poluída e estraçalhada.”

...

“Chorei pingos de inspiração
pela falta de humanidade
desta vida teatral...”

E assim segue a vida. E assim o mundo continua vendo as grandes – e pesadas – transmutações sociais. E assim a sociedade brasileira observa – com perplexidade de alguns – a perda dos seus mais honrados valores. Para onde vamos?...

Quando eu lecionava, perguntava aos meus alunos: “De onde viemos?”, “Quem somos nós?”, “Para onde vamos?”... Achava que a segunda questão era a única que se podia responder com tranquilidade. Hoje, quando vejo o mundo em que vivemos, quando vejo a América do Sul entregue a algumas lideranças torpes, quando vejo o Brasil afundando em um pântano cada vez maior, quando vejo a Bahia e Salvador sem conseguir sair do medíocre quarteto “Carnaval, Cachaça, Futebol e Sexo”, sinto uma profunda amargura. E agora, quem somos nós?...

Preocupa-me enormemente o futuro de Sofia (netinha de Sérgio) e de Cauã e Guilherme (meus

netinhos), o futuro das crianças d'agora. Em 1971 (ou 1972?), assisti o ótimo e terrível filme “No Tempo de 2020”; será que a nossa sociedade vai ser igual?... Temo por isso. E só faltam onze anos.

... em conversas com Icléia (minha sobrinha e afilhada, que só tem vinte anos) – e com outros jovens da mesma idade – tento compreender os tempos atuais e comparar com os de ontem...

O que houve conosco? A nossa geração – a valerosa geração que viveu intensamente 1968 – perdeu o seu caráter? O que fizemos com os nossos filhos?... Soubemos educá-los? Quem é o culpado da falta de educação que grassa nas gerações atuais? Por que a sociedade brasileira – e a mundial também – vai arrastando para a lama os nossos principais valores?

Nunca fui puritano. Todavia, não consigo aceitar uma sociedade onde os filhos não respeitam os pais (e vice-versa), onde a droga e o álcool predominam, onde a violência é encarada com naturalidade, onde o sexo se banaliza (vejam-se as palavras de Godofredo Filho sobre o assunto em seu belo e imperdível *Diário*), onde a futilidade, a chantagem e o egocentrismo dominam amplamente. Não consigo compreender como é possível uma sociedade caminhar para a frente desprezando as suas estruturas primordiais: o seu passado e a família. Não consigo enxergar nenhuma evolução social quando os valores não se aperfeiçoam, apenas se transmutam para pior...

Romantismo? Não, não. O que vejo na Salvador atual, na Bahia atual, no Brasil atual, no Mundo atual, é um interminável crescer de inversão de valores. E no Brasil é pior. Na Bahia é pior ainda. E nesta Cidade do Salvador... O que dizer da derrocada das

nossas tradições de “gente hospitaleira”? Como estudioso da História – através da Antropologia e da Arqueologia – percebo bem tudo isso. Quando fui professor de turmas universitárias nas décadas de 70 e 80, a educação doméstica e a escolar ainda pontificavam em um grau relativamente alto. Nas décadas de 90 e anos posteriores a “coisa” piorou, degenerou, degradou.

O imediatismo das ações, a superficialidade dos pensamentos, a tibieza dos caracteres, a escassez da verdade, a amplificação da mentira, da falsidade, do farisaísmo – fontes de destruição de qualquer convívio social – assustam-me profundamente.

Claro que não existe (ainda) uma generalização. Claro que são fatos pontuais... mas já são muitos. E aberrantes. E aterrorizadores. Claro que as exceções são a maioria. Mas...

Não sou “arauto das desgraças”, mas não sou cego. Não prevejo que irão surgir modernas “Sodomas e Gomorras”, novas “Pompeias”, todavia, creio que a humanidade necessita – urgentemente – recuperar a sua honra. Apesar de toda a “evolução” da atualidade – que nada mais é do que “involução social” – ainda creio que as sociedades humanas resgatarão a sua dignidade, o seu valor grandioso.

Pode parecer estranho e incrível, mas ainda creio no Ser Humano...

E Sérgio diz:

“O sonho do poeta
não pode ser vendido
nem o amor, comprado.
O meu sonho e o meu amor

sobrevivem nesta sociedade artificial,
regida pela economia de mercado,
cheia de inflação e corrupção,
porque não precisam de autorização oficial.”

O POETA DE POUCAS PALAVRAS

Um dia, escrevi a seguinte “Carta a um Poeta”:

Sérgio:

Gostaria sinceramente de fazer um comentário sobre sua poesia. Será, pergunto, que se pode comentar a essência de um poeta? Podemos penetrar no alheamento natural de quem vive o poema na vida? Não, amigo, não vou comentar o que você escreve que é você, prefiro conversar como nas noites em que eu ia para casa e você seguia no lotação para Macaúbas. Ou, então, as manhãs de sábados na redação deste jornal (A Semana), no “encontro de poetas”, como diz Germano. As conversas que só acabavam muito depois da hora de almoço, quando a fome avançava e cada qual seguia seu rumo. Foram essas intermináveis conversas que criaram a realidade de um sonho que ambos sonhávamos.

A Revista Experimental nasceu e o primeiro número, antes de sair, já é procurado. Valeu tudo, amigo, inclusive os desencontros com os encontros marcados – e isso veio fortalecer nossa amizade – para a preparação do lançamento, em semanas de total mobilização pacífica, num trabalho dedicado e querido.

O poeta criou os poemas, assim como “O vento soluçou”, quando – “Embriagado – teu braço / ao mar tocava” – exatamente no momento em que – “Sumiram os pássaros / e o sol, também” –

fui ao Rio Vermelho ver a praia beijando o mar e escutar reminiscências, o vento soprava frio no muro deserto. Parecia que – “Comovido / o vento começou a soluçar...”

Agora, Sérgio, você que passeia ventos e mares se prepara para o nascimento da verdade; aliás, nós nos preparamos.

Mas, falemos agora somente de você poeta, você amigo que foi surgindo como surgem as coisas boas, você que me fala de poesia, de estudo, você companheiro...

A noite está fria, as ruas estão úmidas, não há estrelas, as casas estão fechadas: “a cidade emudeceu”.

(jornal *A Semana*, 1968)

Anos depois, voltei a escrever assim:

... Sérgio Mattos – poeta – não conhece a ausência de inspiração, moldada e modulada sempre, explodindo em versos rápidos e fortes, rápidos – retrato mais despido da sua poética. Sérgio, em sua cavalgada “nas ondas do espaço”, descobriu em emoções já dissecadas a linha aberta e clara de seus versos, perseverando constante e inapagável recordação da infância nas terras cearenses. E essa descoberta, imperiosa, que desencadeou as teias – ou raios – deixa, em cada criado poema, as “árvores que crescem”.

*(Nas Teias do Mundo. Artigo publicado no jornal *A Tarde*. Salvador, em 20 de abril de 1974)*

Sérgio define amargamente o homem:

“Cemitério de vivos
Entre porcos, na lama...

O Homem? É o mesmo...
Fantasmas viventes
caveiras ambulantes
ossos cobertos
na morta(PELE)lha da vida.

Tímidos e agressivos,
na massa de concreto,
começam a pensar...”

(“Metáfora n. 1”, em *Experimental 1*.
Salvador: Era Nova, setembro de 1968)

E se encontra e se perde nos cismares do seu ser de poeta. A divagação – preciosa divagação – atua como o alicerce inabalável da alma que tem o privilégio de receber a benção do dom da poesia. A inspiração é a benção, a divagação é o caminho. O fim... ah, o fim... O poeta não pensa nas suas limitações. O seu fim é o Infinito, a transcendência...

“Meu olhar estava longe
sem direção procurava
as coisas diversas...
– sonhava –.”

(“Episódio n. 1”, em *Experimental 2*.
Salvador: Era Nova, janeiro de 1969)

Mas o poeta sofre com o passar dos tempos. A infância acabou... O tempo passa rápido. O tempo... “O tempo não existe porque o homem é eterno”,

como dizia Francisco Brasileiro em seu belo livro *Jurupari*, uma das melhores obras sobre a etnologia indígena do nosso País.

“O mundo dos brinquedos
entardeceu no tempo.

Fechei a janela do dia
e encontrei todo o mundo
no meio da noite.”

(“Metáfora n. 7”, em *Experimental 3*.
Salvador: setembro de 1969)

E, em um instante de pura emoção, descreve o poeta e a sua missão:

“O mundo de essências
está nas mãos do poeta.

Com as mãos ele articula
o destino de todos os seres...

Porque vivemos
num mundo sem custódias
e o poeta é o vigia do tempo.”

(“Concepção”, em *Nas Teias do Mundo*.
Salvador: 1973)

Todavia, olhando para as áridas terras sertanejas do Nordeste, sente em suas entranhas a dor que dilacera as vidas, o triste espetáculo da seca:

“Cavalguei pesadelos em nuvens brancas

e cantei como cigarra no verão.
Andei rios em terra de céu azul,
Onde vida-e-morte é sol.”

(“Seca”, em *Cinco Poetas Contemporâneos*.
Bahia: Contemp, 1974)

E Sérgio canta, encantado, para sua filha Paulinha,
embebecido com a própria felicidade de ser Pai:

“Um sorriso
comprido
sem artifício
nem vício.
Um sorriso
puro,
de encanto,
de criança.
É o sorriso
que tenho na lembrança
nos momentos distantes,
na hora do abraço
do encontro e do cansaço.”

(“O Sorriso de Paula”, em *O Vigia do
Tempo*. Salvador: Gráfica Universitária, 1977)

Entretanto, deixa expressar imensa preocupação
com o futuro de seus filhos, escrevendo para o caçula
Rafael:

“Em teus olhos vivos de criança,
em teu rosto sério,
meu filho, projeto minha esperança
de um mundo melhor

no dia de teu primeiro aniversário.
Tenho medo, confesso, do futuro
que se constrói para tua geração.
Gostaria de moldá-lo seguro
e sem sofrimentos,
a fim de que teu amanhã
seja como no meu pensamento:
tranquilo como o sol poente. ”

(“O Despertar do Futuro”, em *Já Não*
Canto, Choro. Austin/Texas: Tejidos, 1980)

A defesa do meio-ambiente é uma das suas inspirações; o que o homem quer fazer com a natureza? Como será, amanhã, sem o verde, sem os animais, sem água e com fome?...

“Há quem clame, aos brados,
em defesa da Ecologia,
enquanto a propaganda de tratores
é feita com a destruição das matas.
A concentração de chaminés
que profanam a atmosfera
ao tempo em que são apontadas
como símbolo de progresso.
Dejetos industriais, lançados nas águas,
dizimam flora e fauna,
enquanto técnicos se lançam
a cálculos matemáticos
identificando os índices suportáveis.
Que mundo é este, meu Deus,
onde se procura justificar a autodestruição
em nome de um progresso tão enganador?”

(“Autodestruição”, em *Lançados ao Mar*.
Salvador: Franco Produções Editora, 1985)

Ainda tem tempo de pedir, humildemente, perdão à amada:

“Amor,
eu sinto pela rosa que não lhe dei
pelo sorriso que soneguei.
Peço perdão por não mais saber chorar
pelos momentos em que não soube sorrir
por minhas fraquezas e
por não saber amar como devia.”

(“Perdão Amor”, em *Asas para Amar*.
Salvador: Editora Marfim, 1995)

Depois, recorda, com imensa saudade, a sua infância-adolescência; é o momento de escrever o mais belo dos seus poemas:

“Já não vejo gaivotas
nas pedras do Rio Vermelho.
Meus olhos já não descansam
com aquele vôo sereno
e com o mergulho indicador
de boa pescaria. Emigraram.

Os jornais anunciam
a morte de gaivotas
em Arembepe e na Bretanha.
Ora o titânio, ora o petróleo
lançado nas águas do mar.

De que vale o progresso
se já não posso
contemplar as gaivotas

na Pedra dos Pássaros
de minha infância?”

(“Pedra dos Pássaros”, em *Estandarte*.
São Paulo: Edições GRD, 1995)

Incansável, continua a buscar o ilimitado:

“O imaginário poético
é infinito enquanto interpretação,
registrando o real, sem a falsa impressão
criada pela indústria da simulação.”

(“Imaginário”, em *Trilha Poética*.
São Paulo: Edições GRD, 1998)

E indaga a si mesmo:

“Seriam meus versos
a expressão do imaginário
ou o discurso do universo
recriado de modo literário?”

(“Imaginário”, em *Fio Condutor*. Lauro
de Freitas/Bahia: M.E.S. Editora, 2006)

Escrevi, então...

*Sérgio Mattos, homem, jornalista, às vezes
ferido pelos reveses da vida (não são reveses que
ferem, Sérgio, são as ingratidões, é a sordidez da
mentira, é a hipocrisia com cara de anjo).*

(*Lançados ao Mar*. Artigo publicado no jornal
A Tarde. Salvador, em 17 de março de 1986)

... então, posso afirmar que

Porta-estandarte do mundo, todo poeta é um porta-retrato das belezas, dos pensares, das tristezas da humanidade, abrindo-se para as alturas dos vôos mentais e descendo às entranhas da natureza do ser que raciocina e transforma a razão.

Nas escaladas, nas escavações, nos tempos-carnavais, o poeta é ele. É ele mas é humano. Muito embora tenha nascido do poema, seja filho da poesia, é poeta. Mas é humano. Também. E alegre ou ferido, efusivo ou triste, vive.

Se alpinista, em verdade, fosse, seria o desbravador das montanhas, como o é da beleza. Caso a sua profissão fosse a Arqueologia, colecionaria descobertas que abalariam o mundo, descobertas de um tempo vastamente poético. No mundo. Na humanidade.

Mas o poeta porta-estandarte escala nas lides jornalísticas e escava com uma voracidade sem par e sem fim o seu potencial de consciência.

(“A História de um Porta-Estandarte”, em Estandarte. São Paulo: Edições GRD, 1995)



O JORNALISTA SÉRGIO MATTOS

Prestigiado por onde passa, Sérgio demonstra que soube estruturar a escolha da sua profissão sobre sólidas bases.

O que é a linguagem? Caminho de liberdade? Meio de construir barreiras? O homem não sabe se comunicar... O homem, dono da mais preciosa arma de poder – a linguagem – não sabe se comunicar... e, muitas vezes, quanto mais explica mais se complica. Aí estão as guerras – fontes gigantescas de mau entendimento. Mas... aí está o diálogo, fonte interminável de amor...

“... a linguagem se afirma como o principal instrumento de trabalho do homem, que decide ou leva os demais a decidirem. E é por isso que ninguém lidera se não souber comunicar-se.”

(*Estudos de Comunicação*. Bahia: Gráfica Editora Arco-Íris, 1975, p. 11)

A nossa geração formou líderes? A imprensa – e os seus meios – criaram bases autênticas para comunicar a verdade ao público e formar mentes construtoras de uma sociedade mais justa?

“Os meios de comunicação, portanto, têm responsabilidades em relação ao público que deles dependem para a obtenção de informações. Desta forma, tendo inteira li-

berdade de atuação, a imprensa pode servir como um instrumento de controle sobre governos fortes, mas tal poder dos meios de comunicação de massa também pode se constituir num perigo.”

(*Censura de Guerra: da Crimeia ao Golfo Pérsico*. Salvador: Sinjorba, 1991)

E os traços culturais idealizados e transmitidos são veiculados como instrumento de libertação ou de coação. Depende de quem os detenha.

“Sobre política cultural, poderíamos concluir dizendo que, apesar de termos uma no Brasil, tanto dentro da mídia impressa como da mídia eletrônica, nós não temos ainda uma política definida, planejada, específica, de cultura para as mídias, mas ela existe.”

(“Interatividade e Desenvolvimento das Mídias no Brasil”, em *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*. São Paulo: Edições GRD / Salvador: ICBA, 1997)

É como a difusão de cultura durante os governos militares:

“Diferentemente de outros modelos de ditaduras latino-americanas, o regime militar brasileiro exerceu o poder como uma instituição.”

(*A Televisão no Brasil: 50 anos de História (1950 – 2000)*. Salvador: Editora PAS/ Edições Ianamá, 2000, p. 35)

Por mais que houvesse proibições, as (melhor dizer no plural) culturas espalhadas por todo o território nacional não sucumbiram naqueles tempos. Pelo contrário. Começaram a ser ultrajadas depois, modificadas, subjugadas, destruídas. Por isso mesmo...

“Compete a nós, pesquisadores, identificarmos os processos e estudá-los, visando a implementação de medidas que visem a preservação de nossa cultura e/ou apresentando soluções para problemas identificados, procurando evitar generalizações ou radicalismos.”

(*Imparcialidade é Mito*. Lauro de Freitas/
Bahia: Editora Unibahia, 2001)

Assim, confirma-se que

“A liberdade de imprensa é imprescindível não só para os jornalistas como também para todas as camadas da população.”

(*Mídia Controlada*. São Paulo: Paulus, 2005)

Entretanto...

“Apesar de a censura oficial, formal e regimental ter acabado com a promulgação da Constituição de 1988, continuam a existir variadas e novas formas de controle que visam o controle do fluxo da informação e ou do seu conteúdo por meio da manipulação sutil da informação, quando a imprensa perde a capacidade de estabelecer diferenças e passa a trabalhar os fatos baseando-se em ge-

neralizações; por meio do constrangimento, da omissão (autocensura) e da indiferença.”

(*O Contexto Midiático*. Salvador: IGHB, 2009, p. 133)

Afinal...

“Muitos fatos históricos foram, e em muitos casos continuam a ser, apagados da memória nacional, por ter os seus registros destruídos e fragmentados de tal forma que não se consegue mais reconstruí-los plenamente.”

(“Apresentação – A Imprensa Baiana em 23 Flagrantes”, em *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia*. Salvador: Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, 2008, p. 11)

A vida é um percorrer de episódios desconhecidos. O que é o Passado, senão apenas Arqueologia? Será mesmo somente isso?... O que é o Presente, a não ser os dias e as horas que se vive, naquele exato momento?...

A vida é um percorrer de episódios desconhecidos, sim. Cada dia, cada hora, cada minuto, cada segundo, em direção ao futuro, são incógnitas absolutas. E as culturas são fundamentais em todo o universo histórico do inesperado de amanhã. Bases simbióticas de liberdade, as culturas não morrem... hibernam... adormecem profundamente... Até que, em algum dia, um pesquisador as descobre. E elas renascem.

A compreensão clara do Presente depende por inteiro do entendimento correto do Passado.

É esta a missão do arqueólogo. É esta a missão do historiador. É esta a grande missão do jornalista.

O CRONISTA E O NOVELISTA

Verdadeiramente, enquanto gosto demais das crônicas de Sérgio, sem encontrar obstáculos no gostar, tomo a liberdade de tecer algumas considerações menos sentimentais com relação às suas novelas.

As suas crônicas – infelizmente, tão poucas publicadas – detêm o poder de emocionar, de deixar os cabelos levantados, tal é a força inserida nas entrelinhas de cada uma.

São pedaços de uma beleza ímpar... Assim:

“Certa vez, iniciei uma coleção de cartazes. Preguei alguns na parede do quarto. Mais precisamente, na parede do interruptor de luz, e, um dia, aconteceu.

Ficou tudo escuro. Forcei os olhos, mas foi besteira, não adiantou. O quarto estava feito breu e eu não conseguia ver um palmo à frente do nariz. Tentei ligar a luz e não consegui, pois os cartazes me impediam – a eles eu conseguia ver, apesar de tudo. Olhavam-me ameaçadores. Pareciam ter ódio.

Foi então que fiz uma descoberta: foram os cartazes que apagaram a luz. Sim, foram eles, que pareciam ter vida.”

(“A Revolta dos Cartazes”, em *A Batalha do Natal*. Salvador: CED/UFBa, 1978, p. 39)

Quanto às novelas ou romances, creio que escrevê-las(los) exige um sem-número de entrelaça-

mentos de situações humanamente possíveis – e, logicamente, também as que podem ser consideradas “impossíveis” – para que possam ganhar o sabor delicioso dos enredos e o rótulo maiúsculo das suas categorias.

E concordo plenamente quando o próprio Sérgio diz que...

“É preciso muita sinceridade. É preciso que você se abra, deixando vir à tona todos os impulsos, vivências, desejos e constatações. É preciso que você aceite seus próprios erros, mas também é necessário reconhecer seus próprios valores e acertos na vida.”

(*As Confissões Sexuais de Maria Francisca*. São Paulo: Scortecci Editora, 2008, p. 46)

Li, com bastante calma e prudência, as três novelas de Sérgio: *Amadeu, um Bandido Nordestino*, *Os Funerais de Dona Camila* e *As Confissões Sexuais de Maria Francisca*. Explico o porquê da calma e da prudência: é um universo novo na literatura de Sérgio, são estradas nunca antes percorridas por ele. Pergunto-me: gostei? A minha resposta é uma certeza contraditoriamente carregada de dúvidas. Sim ou não?... Acho que gostei... de alguns pedaços soltos, esparsos... mas, prefiro as belas poesias (a maioria), prefiro a excelência dos estudos jornalísticos, tal qual *Imparcialidade é Mito* e *Mídia Controlada*.

Não sei o que o futuro vai fazer com Amadeu, com Dona Camila e com Maria Francisca. Não consigo imaginar. Gostaria de ser vidente, de ter o sentido da premonição. Torço por eles. O caminhar dos

três, nas entrelinhas – independentes uns dos outros – não me parece estar sendo nada fácil... Entretanto, qual sentido Maria Francisca dará à sua vida depois da longa confissão com o Padre?... Queria, verdadeiramente, perscrutar os tempos que virão.

A vida se incumbirá de responder...



OPINIÕES DOS OUTROS

“A revista *Experimental* revelou-nos um excelente aprendiz de poeta: Sérgio Mattos. E o aprendiz se fez poeta.”

Guido Guerra, orelha de *Nas Têias do Mundo*, 1973

Saudades de Guido Guerra e da sua incrível irreverência. Guido apostou em Sérgio com valores muito altos. E acertou. Às vezes, creio que Guido era um “vidente”, porque todas as vezes (raras vezes) que ele apostava em alguém, acertava. Normalmente, a sua pena (ou sua máquina de escrever) se traduzia em críticas honestas, mas intensamente pesadas.

E o igualmente saudoso Adroaldo Ribeiro Costa, comentava:

“Como dizer que a poesia morreu, ou como levantar dúvidas sobre sua existência, se os poetas aí estão vivos, melhor do que isto, se os jovens poetas aí estão a rejuvenescê-la?”

Aqui bem perto de mim, neste jornal, há um, o Sérgio Mattos, que recentemente deu ao público o seu livro *Nas Têias do Mundo*.

Este é um dos que basta a gente olhar-lhes as figuras para ver que são poetas. O todo, o jeito, o olhar, a fala do Sérgio, já me diziam que ele era poeta, antes que me mostrasse, ainda nos originais, os poemas agora editados.

Foi numa dessas horas nervosas de vida de um jornal, quando os minutos correm adiante dos dedos que tropeçam no teclado da máquina, que ele me abriu a pasta dos versos...”

Adroaldo Ribeiro Costa, artigo sobre o livro *Nas Téias do Mundo*, publicado no jornal *A Tarde*, em 3 de dezembro de 1973

A Bahia tem perdido expoentes da sua literatura; a morte – sempre ela – tem levado para o outro lado gente que transpirava erudição, gente que passeava com a maior naturalidade pelos caminhos da arte de escrever. Afinal, os sábios são gente simples e não precisam da empáfia dos que dizem que sabem, mas não sabem...

Nas palavras de Fred Souza Castro, uma constatação da poesia na atualidade:

“O poeta, hoje, é esse ser que se iguala no traje, nos hábitos, nas profissões, no simples ir e vir pelas ruas de uma cidade moderna. Mas é, também, esse ser vário, capaz de ser muitos e ser ele mesmo em sua introspecção. O poeta é, sempre, um duplo. É ele, que carrega com Ele-mesmo... Assim ele entende e se planta em verso. Para ‘permanecer’.”

Fred Souza Castro, sobre o livro *Retina*, 1975

Permanecer. Vencer o tempo, ultrapassar as eras, alcançar o sempre. A poesia não enxerga limitações de épocas. Quando a sua qualidade é alta, torna-se

definitiva. Deixa de ser pessoal e ganha o mundo. Deixa a casa da alma do poeta e vai em busca do infinito. Assim vive a linguagem literária.

Porque...

“A linguagem é sempre um espelho do conteúdo, e quando prevalece a emoção ela se expressa, para citar um exemplo, em tonalidades super-afetivas... os seus poemas conseguem dizer bastante em poucas palavras, o que revela um cuidadoso labor artesanal num caminho já descoberto...”

Ildázio Tavares, resenha sobre *Retina*, publicada no *Jornal da Cidade*, em 4 de abril de 1976)

E quando o assunto passa de poesia para crônica, o autor do belo livro *Chamado do Mar* comenta:

“As crônicas deste livro, também escritas por imposição de espaços vagos em páginas interiores de jornais diários, sob a ditadura do tempo exigente e implacável da redação, mostram as mesmas características. Têm, no entanto, um traço de unidade flagrante: as lembranças da infância desse baiano do Ceará. E um valor de busca que as define: o autor tenta recriar as imagens da meninice com a linguagem da criança, obediente ao caótico do garoto que fala de si mesmo – e isto dá a todas elas o selo deste quase absurdo: experimente-se pedir a uma criança que recontе sua experiência vivida, tão próxima e livre da memória, que se terá

precisamente uma dessas crônicas de Sérgio Mattos.”

(James Amado, sobre o livro *A Batalha do Natal*, 1978)

E das crônicas, um salto para os estudos jornalísticos, um salto que carrega consigo a marca de qualidade que engloba competência, seriedade e honradez, trilogia que anda um bocado escassa – infelizmente – no Brasil atual.

“Não hesito em dizer que este livro vem situar Sérgio Mattos entre os autores mais qualificados no campo das investigações voltadas para a televisão e sua múltipla influência. Oxalá sua contribuição venha a concorrer para redirecionar realmente em benefício da sociedade o poderoso veículo de comunicação, uma das maravilhas do nosso século, e também um dos mais fortes agentes de mudanças de comportamento.”

Jorge Calmon, sobre o livro *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de História (1950-1990)*, publicado em 1990

E o maior entre os maiores do Norte e Nordeste do Brasil, e um dos melhores entre todos os antropólogos brasileiros, assim discorre:

“O essencial desse livro é que inaugura, com riqueza de elementos e bom aproveitamento de dados, a história e a socioeconomia do tema. ‘Esse balanço enxuto e equilibrado’, como o considera Jorge Calmon no prefácio, fica como uma contribuição mar-

cante ao tema, indispensável, sem favor, a quantos pretendam fazer ideia de como se explicam a realização, o sucesso, a consistência da tevê brasileira.”

Thales de Azevedo, artigo sobre o livro *Um Perfil da TV Brasileira*, publicado no jornal *A Tarde*, em 1991

Voltando à bela arte de traduzir em versos o sentimento,

“... o tempo se anula frente aos passos e ao sentir dos poetas. Razão pela qual, por sua temática e beleza de feitura, prosseguem os poemas, plenos de atualidade, e assim continuarão enquanto existirem pessoas que se deixam conduzir pelo espaço do amor, sem limites, nas asas mágicas da poesia.”

Waldir Freitas de Oliveira, artigo sobre o livro *Asas para Amar*, publicado em *A Tarde Cultural*, em abril de 1995

Mesmo porque...

“Poesia, leio e gosto ou não gosto, é tudo. No caso da poesia de Sérgio Mattos, leio e releio com um prazer sempre renovado e sempre maior.”

Jorge Amado, em correspondência endereçada a Sérgio Mattos, datada de 10 de outubro de 1995

E nesta amálgama de poesia-crônica-jornalismo, o encontro das águas literárias de Sérgio Mattos é bem definido:

“O jornalista, na dupla condição de acadêmico e de prático de imprensa, é provável que tenha induzido o escritor. Como poeta define-se ‘o vigia do tempo’. A sua obra abrange um largo campo na construção da arquitetura do verso e da escrita. Poesia e comunicação são os pilares básicos do intelectual bem formado e melhor exercitado na imprensa e no departamento universitário.”

Eivaldo M. Boaventura, prefácio do livro
Relicário Comunicacional e Literário, 2008

Afinal...

“Caminhar com Sérgio é desbravar novos espaços e rotas, abertos em ritmos variados desde os parágrafos e entrelinhas, pinçando aqui e ali gotas de sentimento daquele que considero a maior incógnita do universo – o multifacetado ser humano, com os seus conflitos, verdades, angústias e dúvidas, desafio permanente para quem tem coragem de tentar decifrá-lo. Sérgio tem.”

José Jorge Randam, orelha do livro
Relicário Comunicacional e Literário, 2008

Então,

“... me vêm a propósito de *Estandarte*,... que o maior editor baiano – e o mais injustiçado, Gumercindo Rocha Dorea – acaba de editar. Dizer que se trata de um belo livro, seria apenas um lugar-comum. Por isso prefiro

dizer desse livro que ele se incorpora, sem favor, ao melhor da poesia baiana de todos os tempos, e ao que de melhor se tem publicado no Brasil recentemente.”

Cyro de Mattos, em artigo sobre o livro *Estandarte*

Quem surgiu primeiro: o poeta ou o jornalista? Isso pouco importa, ou melhor, não importa nada diante da beleza de vários de seus poemas e da grandeza dos seus estudos jornalísticos. O cronista, ah, o cronista das belas narrativas infanto-juvenis, ficou sufocado pelo poeta e pelo profissional de imprensa.

Assim, muitos falaram sobre Sérgio. Dos inúmeros comentários publicados, enfeixamos em um ramalhete os que mais me provocaram emoções: Guido Guerra, Adroaldo Ribeiro Costa – ambos de uma imensa sensibilidade literária, já residentes na dimensão de saudade eterna –, Fred Souza Castro – onde estará o ótimo e pouco conhecido poeta? –, Ildázio Tavares – excelente contista, tal como romancista e poeta, meu companheiro de *4 Estórias do Mercado Modelo* –, as cultas mentes de James Amado e Jorge Calmon, a erudição escancarada e simples de Thales de Azevedo, a maestria do melhor historiador baiano de todos os tempos – Waldir Freitas de Oliveira –, a internacionalidade de Jorge Amado, o ser absolutamente sincero nas palavras de Edivaldo Boaventura e o olhar para os caminhos desbravados que José Jorge Randam percebeu na obra de Sérgio.

Assim, Sérgio se fez escritor. Assim falaram de Sérgio e dos seus escritos.



PALAVRAS SEM FIM...

Dizer que a minha missão está concluída... é afirmar uma inverdade. Não quis escrever uma biografia de Sérgio Mattos. Não se conclui uma amizade de quase cinquenta anos. Escrevi um mosaico de fatos, enriquecido de sentimentos que emolduram as recordações da nossa adolescência, da nossa juventude, da nossa maturidade. O começo da nossa velhice...

Dizem que o melhor da vida começa aos cinquenta anos. Já estamos, os dois, com mais de sessenta. Tenho pressa. Assim como Sérgio. Em conversa dentro de alguma tarde, em algum dia que a memória já deixou guardado em um tempo distante, Sérgio me contou da sua pressa em escrever, em ser, em viver. E eu lhe respondi o mesmo.

Penso na questão antropológica: para onde vamos?...

Gostaria de saber. Gostaria de ter alguma certeza de como vai ser o amanhã. Gostaria que as incógnitas fossem mais claras, mais abertas... Gostaria que o desconhecido fosse um dia de sol... Mas... a Vida é, verdadeiramente, um mistério para os poetas. Eles ainda cantam a lua, ainda sonham...

Sérgio Mattos, poeta e jornalista. Da bela Fortaleza à outrora encantadora Salvador, seis décadas já passaram. O menino Sérgio trouxe dos verdes mares cearenses a arte da poesia. Na terra-mater baiana, construiu o seu caminho no jornalismo e no magistério universitário. Aqui e alhures, escreveu vários poemas de invulgar beleza. Elaborou estudos de alta qualida-

de para os comunicadores da imprensa falada, escrita e televisada. Percorreu a Bahia e o Brasil. Andou pela velha Europa. Residiu nos Estados Unidos da América do Norte.

Mas a vida não acabou aí. Sérgio tem pressa. A vida lhe espera, espera para continuar a sua construção. Tijolo por tijolo. Poema por poema. Livro por livro.

Um dia, na minha já distante infância, aprendi que “o homem só se torna feliz quando planta uma árvore, escreve um livro e faz um filho”... Apenas uma máxima que se transforma em simples metáfora. A felicidade não é o fechamento de uma porta. É uma conquista de pedaços. É um estado de espírito. Quantas árvores o poeta Sérgio plantou?... Filhos, são dois. Quantos livros escreveu? Diversos. Entretanto, ele tem pressa em construir, urge fazer nascer novos planos, novos desafios.

Quantos anos são necessários para se erigir um sonho? Talvez, só o poeta saiba responder. Mesmo assim, relativamente.

Das missas dominicais no Mosteiro de São Bento (quando corriam os primeiros anos da década de 1960) às construtivas manhãs de sábados na redação de *A Semana*, do lançamento da nossa *Experimental (Revista de Poesias)* – há exatos quarenta anos, em pleno efervescer do inesquecível 1968 – aos passeios no Gordini de Sérgio (que, por um longo tempo, só abria uma janela e o motorista entrava pela porta do carona...), das intermináveis conversas pessoais e telefônicas às confidências recíprocas sobre as nossas musas, dos choppes no Barravento às reuniões na ALAS, dos

jantares em nossas casas (emoldurados por Denise e Nádja) aos e-mails vez ou outra transmitidos, uma longa estrada percorremos em grandiosa amizade.

São caminhos da vida, caminhos da poesia. Uma vez, li em algum livro ou revista (se não estou enganado, foi n' *O Ideal*, jornal do velho Colégio Estadual da Bahia, nos anos de 1940) que um filho disse à mãe que gostaria de ser poeta... e a mãe lhe respondeu que o poeta sofre demais. É verdade. A sensibilidade aguçada para as belezas da vida pode ser atropelada pelas agruras da vida também. No entanto, quanto mais sofrimento o poeta acumula, mais poeta se torna. Ele é o cadinho da arte de escrever em versos. É o destilador das dores do mundo. É o amanhecer que desperta a vida, é o entardecer que entenece as criaturas, é a madrugada dos sonhos mais sensuais. É o guerreiro que conclama os oprimidos a lutar pela liberdade, é o solidário amigo que pranteia um ente querido.

Este é o poeta.

E dos rincões do Rio Grande do Sul, depois de conhecer o Arroio Chuí no extremo sul mais extremo do Brasil, tão distante da minha Bahia e mais distante ainda do Ceará de Sérgio, o meu ser de arqueólogo-poeta canta, dedicando esta poesia ao poeta Sérgio Mattos:

“Quando, nas horas mais comuns,
o poeta se atira em sonhos
a buscar a realidade coerente
E as mãos escancaradas dos momentos
se buscam e se refreiam
em tentativas vãs de solidões

Os episódios do tempo narram a primeira
compreensão de vida e segurança
nas tardes de domingos entreabertos.



É que o mundo está observando de longe
as ações e sentimentos do poeta.”

Ivan Dorea Cancio Soares

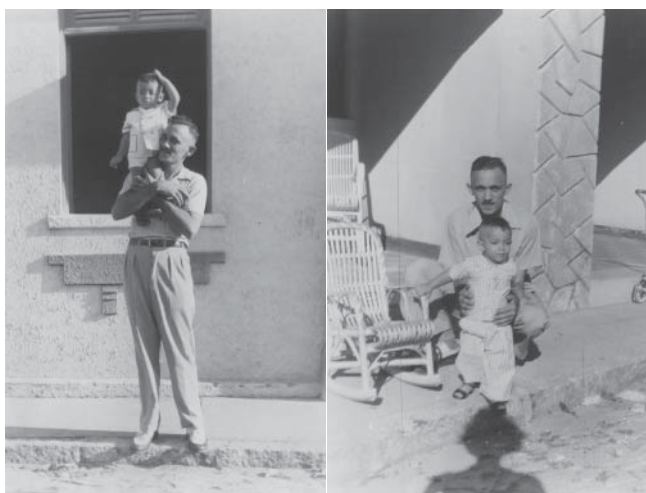
**DOCUMENTAÇÃO
FOTOGRAFICA**



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

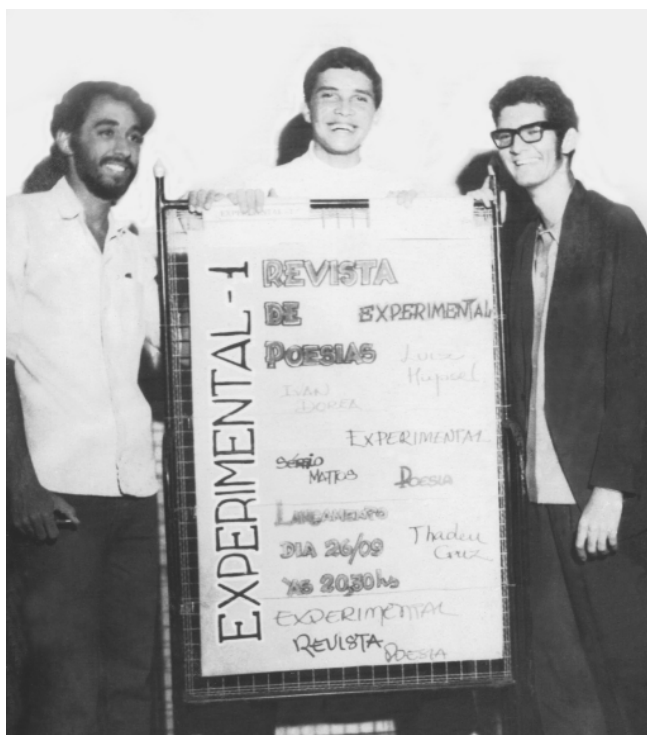


Infância – Sérgio com a mãe



Sérgio com o pai





SM, Thadeu J. Cruz e Ivan Dorea C. Soares, no lançamento de *Experimental 1*, 1968



Meu avô Alcino à esquerda, o primo Toinho e o mano Walter José ao fundo, lançamento de *Experimental 1*, 1968



SM entrega um exemplar da Revista a Eduardo Xavier, e à direita Ivan e Thadeu, lançamento de *Experimental 1*, 1968



Ivan D. C. Soares falando, SM de costas, Thadeu e Germano Machado, lançamento de *Experimental 1*, 1968



Lançamento de *O Vigia do Tempo*, 1977



Lançamento de *Controle dos Meios*, acompanhado dos pais



Lançamento de *Batalha de Natal*, 1978



SM, Jorge Calmon e Wilson Lins, *Lançados ao Mar*, 1985



Hélio Pólvora, SM e Ubaldo Dantas – Itabuna, 1995



Lançamento de *Asas para Amar*, 1995 – SM e Cláudio Veiga



SM e Myriam Fraga



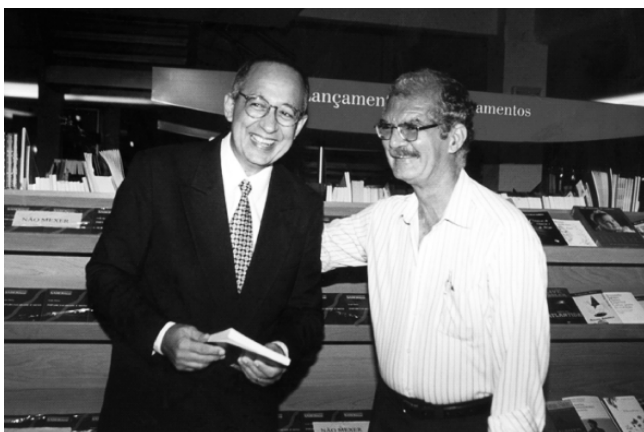
Hélio Pólvora, SM e Jabes Ribeiro, Ilhéus, 1998



Claudio Veiga, SM e Josaphat Marinho, Academia, 16/7/1998



Chico Sena e SM, posse na ALAS, 1999



SM e Ivan Dorea C. Soares, 2001



Lançamento na Livraria Vozes, 2002



Domingos Meireles e SM no Salvador Praia Hotel, 2006



Domingos Meireles e SM, 2006 – foto de Carlos Augusto



Denise Orrico Mattos e Sérgio, Ilhéus



Presidindo reunião da ALAS



Rozando Ferreira, SM e José Jorge Randam,
os três primeiros presidentes da ALAS



Jorge Calmon, Denise Mattos e SM, em Feira de Santana



Carlos Eduardo da Rocha, João Carlos Teixeira Gomes e SM,
na ALB



SM, Soares Nazaré e Hélio Pólvora, Ilhéus



SOBRE O AUTOR

IVAN DOREA CANCIO SOARES nasceu no histórico bairro de Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador, Bahia, no dia 27 de setembro de 1947, filho de Walter Cancio Pereira Soares e Marisette Dorea Cancio Soares (já falecidos). Fez os seus estudos secundários entre o Educandário São Jerônimo, o Lyceu Salesiano do Salvador e o Colégio Estadual da Bahia (Central), licenciando-se em História pela Universidade Católica do Salvador / UCSal e pós-graduando-se em Arqueologia pela Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia / AAP-H.BA (1979) e Museu Paraense Emílio Goeldi / CNPq (Belém, Pará, em 1980).

Começando a sua vida profissional no ano de 1966 (aos 18 anos), como auxiliar de pesquisas históricas na extinta Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador / Sutursa, foi – posteriormente – pesquisador de História Documental do Arquivo Municipal, técnico-pesquisador e arqueólogo da referida AAP-H.BA, bem como auxiliar de assuntos culturais e arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN, durante quase 10 anos, tendo sido um dos idealizadores do “Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia / UFBA”; cofundador do “Museu Arqueológico da Embasa” (em Salvador, Bahia), da “Mostra Permanente de Arqueologia da Cidade de São Félix” (Bahia) e do “Laboratório de Arqueologia da Casa da Torre de Garcia D’Ávila” (Praia do Forte, Bahia), organizou e supervisionou várias exposições temporárias levadas a efeito no mencionado Estado, além de também ter participado ativamente da comissão que organizou o “Museu de Arqueologia de Itaipu” (na cidade de Niterói, RJ).

Professor universitário, lecionou na Universidade Católica do Salvador / UCSal (por 18 anos), na Universidade Federal da Bahia / UFBA (por 1 ano), na Escola de Administração do Exército / EsAEx (por 3 anos) e no Instituto de Ciências Religiosas Lumen Christi (por 3 anos); atualmente, é arqueólogo e diretor-geral do Centro de Estudos das Ciências Hu-

manas / CECH, do qual foi fundador, em 20/2/1984; supervisor técnico-científico geral de diversos projetos, escreveu e participou de alguns livros de Arqueologia, possuindo inúmeros trabalhos científicos publicados em livros, jornais e revistas especializadas do Brasil, além de 1 (um) livro de contos (*Estórias de Itapoan / Sombras do País Azul*), tendo participado também de antologias de contos e poesias; sócio efetivo da “Sociedade de Arqueologia Brasileira / SAB” (instituição que congrega os arqueólogos do País) desde 1980, ocupa também a cadeira n. 3 / Arqueologia, da “Academia de Letras e Artes do Salvador / ALAS”, que tem como patrono o seu antigo mestre e grande incentivador – o arqueólogo Valentin Calderón.

Casado com a arqueóloga/restauradora e psicopedagoga Nádja Freire Dorea Soares, tem 3 filhas “pelo coração”: Faísa, Layla e Thais e 2 netos: Cauã e Guilherme.

TRABALHOS

Artigos, Comunicações, Crônicas e Ensaios publicados nos seguintes órgãos de imprensa:

Jornais *O Totem*, *Ecos*, *Opinião*, *A Semana*, *Jornal da Bahia*, *Mensageiro*, *Tribuna da Bahia*, *Afro-Brasil*, *Comunhão e Participação* e *A Tarde* – 1963 a 1995;

Revistas *Bahia Agora*, *Arqueologia*, *Ex-Catacumbis* e *Neon* – 1970 a 2004;

Anais da Sociedade de Arqueologia Brasileira / SAB – 1985 aos dias atuais;

Revista da “ALAS” – 2004;

Informativo “Humanitates” / CECH – 2008 e 2009.

Poesias:

Jornais *A Semana*, *Jornal da Bahia* e *A Tarde* – 1967 a 1979;

Revista *Experimental*, da qual foi cofundador – 1968 e 1969;

Caderno de Cultura / UCSal – 1978.

Livros:

Quatro Estórias do Mercado Modelo, Edições GRD, Salvador – 1971 (et alli, contos);

- Relatório do Projeto Sobradinho, de Salvamento Arqueológico*, com a participação de Valentin Calderón de la Vara e Yara Dulce Bandeira de Ataíde, convênio AAP-H.BA / CHESF, Bahia – 1977;
- Dezoito Contistas Baianos*, Departamento de Assuntos Culturais, Prefeitura Municipal do Salvador, Bahia – 1978 (et alli);
- Estórias de Itapoan / Sombras do País Azul*, convênio Edições GRD, São Paulo / Instituto Nacional do Livro, Brasília – 1979 (contos);
- Programa de Desenvolvimento Científico e Cultural do Museu de Arqueologia de Itaipu*, com a participação de Maria Tarcila Ferreira Guedes, Edição Particular dos Autores, Rio de Janeiro – 1983;
- Pesquisa, o que é?*, CEPH, Salvador, Bahia – 1984;
- Atas da Câmara – 1700 / 1731, Documentos Históricos do Arquivo Municipal* (org. e rev.), Prefeitura Municipal do Salvador – 1985;
- “A Saga de Garcia d’Ávila: um Resgate Arqueológico”, com a participação de Nádja Freire Dorea Soares, in *A Casa da Torre de Garcia d’Ávila* (Gastão de Hollanda / Cecília Jucá de Hollanda), Fundação Garcia d’Ávila, Salvador, Bahia – 2002.

Em preparação:

- Valentin Calderón: A Odisseia de um grande Arqueólogo*;
- Casa da Torre de Garcia D’Ávila: a Arqueologia reescreve a sua História*;
- Um Dia... Um Sonho* (a trajetória literária de Augusta Garcia Rocha Dorea).

